

O GRANDE HOMEM

COMEDIA

Representada pela primeira vez em Lisboa,
no THEATRO DE D. MARIA II no dia 17 de fevereiro de 1881

OBRA DO MESMO AUCTOR

COMEDIA DO CAMPO

VOL. I — Historia vulgar — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda — A cobra — O criado do cura — O tio Agrella — O ramo de oliveira — O canto do gallo — O caso de Manoel do Eido.

VOL. II — Amor Divino (estudo pathologico d'uma sancta).

VOL. III — (a sahir no proximo mez). Antonio Fogueira — A morte negra — O enterro d'um cão — O embarca-dico — O rei absoluto.

NOTA — Todos estes volumes se vendem separadamente. Preço de cada um 500 réis.

COMEDIA BURGUEZA

Os Noivos — Um romance de 500 paginas — Preço 1:000 réis.

O GRANDE HOMEM — Comedia em quatro actos, representada pela primeira vez em Lisboa no Theatro de D. Maria II — Preço 700 réis.

O SENHOR MINISTRO — Romance em preparação.

NOTA — Qualquer d'estes livros póde ser pedido á Casa Editora de David Corazzi, Rua d'Atalaya, 40 a 52, e vendem-se tambem nas livrarias do costume.

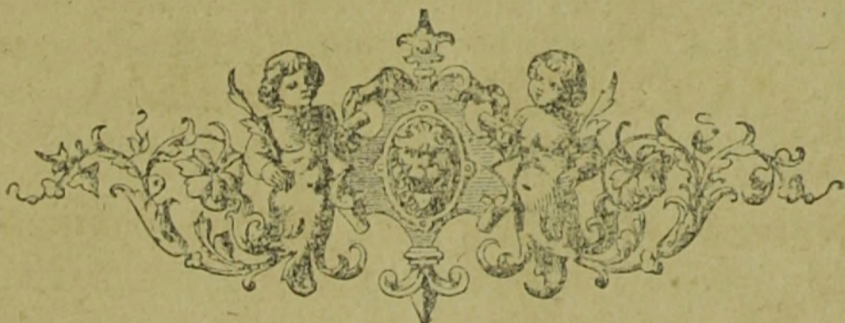
COMEDIA BURGUEZA

O GRANDE HOMEM

COMEDIA EM QUATRO ACTOS

9
POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ



1881

DAVID CORAZZI—EDITOR

Rua da Atalaya, 40 a 52

LISBOA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 32.502
MUSEU LITERÁRIO

PERSONAGENS

CONSELHEIRO MAURICIO PONTINO, 55 annos..	<i>J. Almeida</i>
GUILHERME PONTINO, seu irmão, 46 annos..	<i>A. Rosa</i>
D. MATHILDE, sua esposa, 40 annos.....	<i>D. Emilia dos Anjos</i>
CLARA, sua filha, 20 annos.....	<i>D. Virginia</i>
LEOPOLDINA, filha de Guilherme, 22 annos.	<i>D. Luíza Lopes</i>
D. CANDIDA, esposa d'este, 45 annos.....	<i>D. Emilia Candida</i>
SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO, engenheiro, 27 annos	<i>João Rosa</i>
ALBERTO DA CERVEIRA, jornalista, 35 annos	<i>Brazão</i>
PADRE THEodosio, politico, 50 annos.....	<i>A. Antunes</i>
J. TAVEIRA, negociante, 55 annos.....	<i>Macedo</i>
VISCONDE DA CARREGUEIRA, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, 60 annos.....	<i>Julio Vieira</i>
CORREIA, criado de Mauricio, 40 annos....	<i>Souza</i>

A acção passa-se em Lisboa na actualidade.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
LISBOA
1910
LIVRARIA

PROLOGO

A publicação, em livro, do *Grande Homem*, é motivada por considerações inteiramente litterarias. Sendo um capitulo da *Comedia Burgueza*, iniciada com o romance *Os Noivos*, era intellectualmente conveniente dar-lhe um maior publico do que o das plateias. Além d'isto, a natureza do assumpto e o actual momento historico da vida publica da nação, provocavam esta publicidade. Quando se vê, na politica portugueza, o triumpho da nullidade, a consagração da inepecia feita em brados pomposos pelos vinte mil berradores que vivem d'isto, o patetismo reconhecido como signal de merecimento, a falta de caracter premiada como a virtude, a trapaça, a intriga descarada reconhecida como norma habil de governo..... era necessario que a litteratura critica e d'observação fixasse estes factos, expondo-os com hombriedade, procurando a verdade e a justiça primeiro que o successo.

A fôrma theatral adoptada para este trabalho, foi determinada por reflexões inteiramente artisticas — ella appareceu, desde logo, inherente á concepção do assumpto. Seria falsificar-lhe o fundo intellectual, adaptando á fôrma de romance, aquillo que genialmente nasceu para comedia.¹ O auctor não considera nenhuma fôrma artistica, essencialmente, nem superior, nem mais difficil do que outra, ainda que, para o momento actual, tem certa predilecção pelo romance. A critica tocou insistentemente n'este ponto, quando fallou do *Grande Homem*, alludindo a que eu era romancista e adepto d'uma infeliz eschola, que tem feito no theatro boa colheita de assobios e pateadas! Mesmo antes da primeira representacão, a minha vaidade, se eu fosse susceptivel de ter vaidade, poderia impolar-se com o interesse que, certo publico, tomava a respeito d'esta tentativa. Divergiam as opiniões, appareciam agouros favoraveis e desfavoraveis, mostrava-se empenho em conhecer algumas scenas; porque se presumiam intenções particulares. Algumas phrases incarecteristicas, casualmente sahidas dos ensaios para o publico, fizeram carreira no deminuto circulo de pessoas que se interessam n'estas coizas, e ahi foram commentadas.

A circumstancia apontada, de ser a comedia

¹ O auctor prepara, ha certo tempo, um romance de assumpto tambem politico, que já foi annunciado com o titulo *O Senhor Ministro*. Este titulo talvez tenha de ser mudado por motivos commerciaes, pois que appareceu ultimamente em França um livro de *Claretie* com identica denominação, e é de presumir que o trasladem para portuguez.

composta por um romancista dos considerados dissidentes em arte, dos considerados (com levianidade devemos dizel-o) como iconoclasta e irreverente na observação dos costumes, aguçava o apetite de muitos, deixava outros perplexos e desconfiados!... Certos, que tem, ou julgam ter, a compreensão nitida do romance moderno—um diabo de romance sem grandes golpes, sem grandes effeitos scenicos e cujo valor resalta da imperturbavel analyse explicativa dos factos, uma peste de romance massador e sem crença no poder therapeutico do lilaz nas profundas hypochondrias da bestialidade humana...—entendiam que esta comedia, deveria, em nome da boa moral e do nosso bom gosto artistico, ser ricamente assobiada!... Quando eu passava percebia-lhes os sorrisos, antegostando o momento sublime de me chamarem cavilosamente ao palco, para me mimosearem com todos os seus atrevimentos anonymos, com todas as suas grosserias impessoaes! *Mon Dieu! que les hommes sont bêtes!*...

Mas no fim da primeira representação, o publico, geralmente benevolo e estranho a mesquinhas litterarias, applaudiu freneticamente, applaudiu com generosidade! Então senti a humilhação do applauso e reconheci que estava figurando a sério o papel do meu protagonista! Nos dias seguintes deviam apparecer, como de facto appareceram, as sentenças dos juizes, as criticas nos jornaes, que, confessamos agradecidos, *quasi todos* foram correctos e amaveis. Porém isto não excluia o affirmarem, quasi em unanimidade que

o *Grande Homem* tinha innumerados defeitos de construcção, mostrando exuberantemente, o seu auctor, não ter bastantes unturas de Dumas, de Sardou, de Scribe e de Labiche—affirmação, pelo menos ousada, vista a frequencia com que as peças d'estes auctores são representadas nos theatros de Lisboa. Então respondi verbalmente a alguém, que eu conhecia pelo menos Molière, que ha dois seculos passa por ter genio, e que me era familiar o engenhoso Beaumarchais, o mais sceptico dos homens d'espírito. Responderam-me, mesmo em jornaes: «Ah, depois d'esses o theatro tem progredido muito!» Em que, meus caros senhores? Qual a differença entre Sardou e Molière? Em que progrediu Labiche e Scribe a respeito do Beaumarchais?!... Ah! os senhores não sabem.... Surriada! que não sabem e fallavam pomposamente d'isto!

Mas concordou-se geralmente que a comedia tinha graça. Maravilhoso! eu não a escrevi para fazer chorar as plateias, ainda que, por detraz d'aquelle pateta de Mauricio Pontino, existe o pungentissimo drama da estupidez humana triumphante e feliz! Quantas injustiças, quantas iniquidades, quantas prepotencias não praticam diariamente estas grandes bestas da sorte, só pelo facto da sua collocação social?! O orphão e a viuva desamparados, os que nasceram com o coração alto, que possuem um caracter vigoroso, que tem pundonor, brio, dignidade, que trabalham obscuramente são de ordinario esmagados pelos enfatuados e pelos nullos da sociedade, a

quem o acaso d'uma loteria collocou em posições eminentes! Muitas das comedias de Molière, aquelle de quem o principe-Goethe costumava ler as obras para se fortalecer no seu grande bom senso e no seu espirito de justiça, contém pungentissimas tragedias como as de Shakspeare!

Mas não é por isto só que o *Grande homem* foi censurado...—esta comedia era uma coisa muito diversa do que se podia esperar d'um romancista frio e implacavel, como dizem ser o auctor. Demoremo-nos alguns minutos n'este ponto.

Já disse que não me parece haver fórmulas litterarias superiores a outras. A obra do genio será sempre eterna e immorredoura, ou seja poema, ou drama, ou romance. A questão é mais do talento dispendido do que d'outra coisa. Porém o apparecimento de novos modelos litterarios, designa n'uma dada epocha, uma transformação na vida intellectual, um modo de sentir diverso. É por isso que nos parece ser actualmente o *romance*, como elle tem sido comprehendido nos ultimos tempos, a fórmula litteraria *mais propria para comprehender a complicada vida moderna* (*Noivos*, prologo) e tambem aquella em que o escriptor se encontra a braços com mais sérias difficuldades, e do mesmo passo, n'um mais amplo ceu, para exprimir as suas ideias. O grande e verdadeiro artista actual acceita-a instinctivamente; porque n'este campo a sua liberdade e responsabilidade são maiores. O escriptor, o psychologo, póde pensar, meditar, corrigir, alargar, introduzir no romance as suas ideias ácerca de

todos os factos, de todas as particularidades da vida intellectual e da vida material das sociedades, dos homens e das coisas, que n'esta maravilhosa fórma, cultivada por Scott, Dickens, Eliot, Balzac, Sthendall e Flaubert. . . encontrará sempre maneira de exprimir tudo, com justeza, com propriedade, com elegancia. . . . com arte finalmente. Porém, para se ser um grande romancista, é indispensavel ser um escriptor, isto é, ter o maravilhoso e ethereo poder de, por meio de palavras, simples combinações de sons, pintar todos os cambiantes infinitos das ideias e das coisas; precisa ser um sério pensador, quer dizer, um bom cerebro capaz de levar ás extremas profundezas as suas conclusões e apreciações dos factos observados, percebidos; precisa ser um poeta, uma organização que possa emmover-se e sentir, *criando* os novos aspectos desconhecidos do vulgo, mas cuja realidade mental percebe e *póde* transmittir em fórmulas singulares e d'uma exquiritice encantadora. Quem é pois um grande romancista? É-o Dickens, cuja excentrica sensibilidade tinha igual poder para o riso e para as lagrimas; é-o Balzac, cujo amplo cerebro tinha a profundez visionaria dos maiores philosophos; é-o Flaubert, cujo talento de escriptor realisa prodigiosas maravilhas, levando o seu inexcedivel sentimento do exacto, até á comprehensão dos mais subtis cambiantes das ideias.

A tragedia, o drama, a comedia, a comedia-drama, a scena-comica. . . . finalmente tudo que

se escreve para o theatro são fórmulas mais restrictas. Nem todas as vossas ideias, adquiridas no aturado estudo da sciencia, da litteratura e da arte, podem ser introduzidas com muita propriedade n'estes modelos litterarios. No theatro é preciso não ter estylo—isto é—perder a individualidade, é preciso que o vosso assumpto seja apropriado, é preciso confeccionar o trabalho de certa maneira:—metter mulheres na peça; cortar o dialogo d'um modo convencional; não alongar muito as scenas e não fazer actos, nem demasiadamente extensos, nem muito curtos; ter bons finaes; arranjar as coisas de maneira que o interesse esteja no fim, por causa da ultima impressão; ter graça ou tristeza por conta, peso e medida, para não estragar a digestão do terrivel espectador! Depois d'isto ainda advem as difficuldades dos vossos collaboradores indispensaveis,—os actores. Tomemos um exemplo.

Para se representar o vosso ultimo drama—*Noites d'amor*— precisaveis d'um artista para o papel de Alfredo. A companhia tinha um galã gordo, voz grossa de porta-machado e sem languidez no olhar. Cabellos loiros, disseste-me tu, poem-se-lhe não tem duvida, mas o ventre, como se lhe ha de tirar? Sim o ventre, como lhe podereis fazer retirar aquelle ventre, que parece de conego?! A scena do jardim, com Laura, fica inteiramente prejudicada.

Laura! outro pesadello! Ainda ha pouco me confessastes, meu querido, que não vias meio de encontrar uma creatura bastante etherea, bastante

franzina, de voz bastante meiga e suavissima como a do rouxinol do meu quintal, um prodigio de talento, de encanto, de graça singela que mostre nos seus dezeseis annos as fulgurações d'uma imagem divina e uma intelligencia penetrante e feiticeira! Como se poderá pois realisar no theatro esta criação sublime dos vossos sonhos quentes?! Como podereis fazer representar a grande scena do jardim toda repassada d'um sentimento, d'um ar virginal?!... Não sei, não sei!... Fulana tem cinco filhos!... Parecem-me de mais, para esta acria criação, celestial como a de Ophelia!

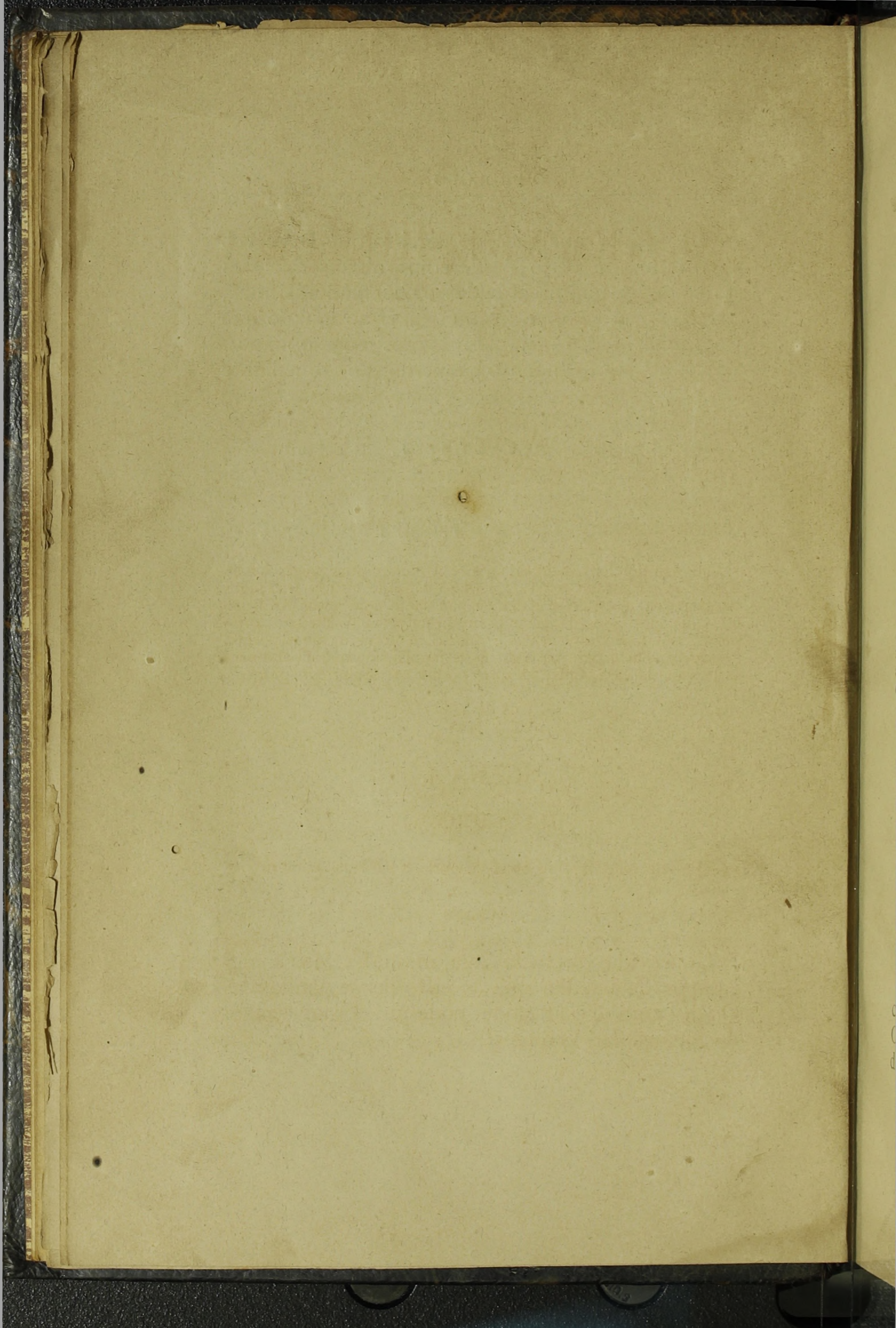
Dizei-me! julgaes estas razões sufficientes, para consagrar a trivial phrase de que o theatro é mais difficil que o romance? Não, meu bom, o theatro é simplesmente mais contingente, e por isso n'elle tem sido applaudidas sumptuosas nullidades.....

Termino respondendo a um reparo, sem grande valor, mas sómente para me não taxarem de orgulhoso. Disse-se que o *Grande Homem* peccava por falta de enredo: Molière tinha em segunda conta a intriga das suas peças, porque fazia monographias de caracteres ou de recantos sociaes. Este prodigioso mestre, como tinha ideias, não queria adoptar o *expediente* de as esconder. Se vós, meus senhores, um dia nos patenteaes o

grande poder analytico do cerebro que Deus vos distribuiu, de certo perderemos alguns auctores de comedias emmaranhadas e encantadoras; mas, em compensação, poderemos dizer ao mundo que possuímos alguns modernissimos Arystophanes, pois que já se chama o moderno, ao comediante Molière.

Lisboa 1 de Agosto de 1881.

Teixeira de Queiroz



O GRANDE HOMEM

ACTO I

Gabinete do Conselheiro Mauricio: Ao fundo duas portas— a da direita leva á escada, a da esquerda á salla de visitas. Dos lados da primeira, duas columnatas de pau santo com vasos de Japão em cima, dos lados da segunda duas estatuetas. Á direita duas janelas, um fôgão intermedio e relógio. Á esquerda duas portas: a esquerda-baixa para os quartos de familia, a esquerda-alta para o interior da casa. Entre as duas portas um sophá com *fauteils*:

SCENA I

MAURICIO, só

(Passeia reflectivo, de boné de borla e robe-de-chambre)

MAURICIO

Uma vida de luçta esta minha!... Mas é nos campos de batalha que as victorias se ganham!... O. discurso d'esta noite póde-me tornar senhor da situação!... Veremos!...

SCENA II

MAURICIO, D. MATHILDE, CLARA,
LEOPOLDINA

(Entram pela esquerda-baixa)

CLARA, para dentro

Póde-se entrar mamã. Hoje não estão cá, os
taes homens exquisitos...

LEOPOLDINA

Que fallam alto, como se estivessem na rua!...
São os correligionarios do tio Mauricio...

MAURICIO, com vivacidade

São meus correligionarios, sim, senhora!... Im-
porta-lhe alguma cousa?! Vós, frivolas mulheres,
nunca podereis comprehender o que é ter amigos
dedicados, o que é ser chefe do partido!... Oh!
nunca o podereis comprehender!...

D. MATHILDE

Pois sim... mas ouve o que te digo. Hoje va-
mos passar a noite a casa da Guilhermina Sousa.

MAURICIO

Eu não posso. Tenho uma importante reunião

politica... Ventilar-se-hão questões graves... Não posso.

CLARA, a Mauricio

Olhe que são os annos da Mathildinha... da sua afilhada.

MAURICIO

Deixal-os ser. Estou compromettido.

D. MATHILDE

Homem, sabes como elles são exquisitos, não deves faltar. Escreve uma carta aos teus amigos para que te dispensem, ao menos, uma noite...

LEOPOLDINA

Diga-lhes que mudem a reunião para outro dia...

CLARA

Os annos é que se não pódem mudar.

MAURICIO

Doidas!... Umas doidas que não sabem o que dizem. Então os negocios publicos devem andar á mercê d'estas questiunculas de familia?! Fazem lá ideia do que são compromissos politicos!... Pois já tinham obrigação de o saber, porque, ha muitos annos, que me vêem figurar n'estas coisas...

CLARA

Papá!...

MAURICIO

Calle a boca! Esta noite não pertenco á familia, nem ás amisades, pertenco á patria e á opposição. Derrubar um governo, não é negocio de brincadeira...

LEOPOLDINA

Não pensa n'outra coisa, senão em deitar governos a terra!

D. MATHILDE

Se te deixasses d'isso, até podias engordar...

MAURICIO

Máu, não me façam zangar!... Não quero ser gordo, quero fazer á noite um grande discurso. (a D. Mathilde) Apresenta-lhe as minhas desculpas.

D. MATHILDE

Não sei que desculpas queres que apresente, a uma gente tão melindrosa... Adeus, nós cá vamos comprar as prendas para levar á pequena...

MAURICIO

Vão... vão. Vós não me podeis comprehender!... A politica é a verdadeira serpente biblica, que nos envenena com doces fallas e ternos olhares.

(Beijando D. Mathilde) Nunca saberás dar o verdadeiro valor ao marido que tens?! (Beijando Clara) Has de sentir-te orgulhosa, quando ouvires dizer: «É a filha do Conselheiro Mauricio Pontino, o grande homem da situação!...» (Beijando Leopoldina) E tu, minha rabina, também podes vir a gosar da figura de teu tio. (as senhoras sahem.) É verdadeiramente glorioso chegar a esta situação! (Pausa) É glorioso, mas também é difficil!...

SCENA III

MAURICIO só, depois CORREIA

(Mauricio passeia reflectivo)

MAURICIO

Porque é que um Bismark, um Disraeli, um Thiers são grandes homens?! Porque estão á altura da sua epoca. Estar á altura da sua epoca, é o grande segredo dos homens d'estado. Quem não descobrir esta regra, nunca dará um passo em politica. (Senta-se no sophá e boceja.) O que eu devo fazer é pôr-me á altura e por isso vamos a pensar no meu discurso. (Recosta-se e fecha os olhos.) Apreciamos philosophicamente a situação... O governo deve estar preocupado... (pausa e esfrega os olhos.) Sempre estou com um somno de mil demónios!... Não pude pregar olho por causa do fogo que houve esta noite cá na vizinhança!... Ardeu tudo e nada estava no seguro!... Imprevidentes!...

Se fossem politicos... haviam... de ter... appren-
dido... que... era bom... põem-se no... seguro...
(adormece.)

CORREIA, atravessando cuidadosamente do fundo-direita
para a esquerda-alta

Está a dormir!... O padre que espere...

MAURICIO, ressonando brandamente

Poli... ti... cos..., al... tura... e... se... guro...

CORREIA

Não estás mau com a politica! (sahe.)

SCENA IV

MAURICIO, PADRE THEODOSIO

P. THEODOSIO, entra pelo fundo-esquerda

Entrar, sem ordem, é um abuso de confiança...
Mas o tal criado sempre é um caçoante!... e ás
vezes faz esperar... (designa Mauricio) O que é um
homem de talento a dormir!... Na apparencia...
como toda a outra gente; mas... no fundo... coisa
muito diversa!...

SCENA V

OS MESMOS E J. TAVEIRA, que apparece ao fundo-esquerda

P. THEODOSIO a J. Taveira

Não entre senhor Taveira. Olhe que isto que

nós fizemos é, em boa linguagem, um abuso de confiança!... Vamos esperar as ordens lá na salla... Mas, antes, deixe-me dizer-lhe o que estava pensando. (aponta Mauricio) Julga que dorme para descansar das fadigas?!...

J. TAVEIRA

Julgo...

P. THEODOSIO

Pois engana-se. É porque, no labutar incessante d'uma vida fadigosa, o somno o surpreendeu. Mas, a sua cabeça... labuta constantemente!...

MAURICIO ressona e falla pouco perceptivel

Poli... ti... cos... al... turas.

P. THEODOSIO

Ouve-o?!... Um homem que podia viver socego, egoistamente no seio da familia, como tantos outros, até a dormir se está lançando no mais acceso dos combates politicos!... E tudo por amor de quem!... Sabe?!

J. TAVEIRA

Palavra de honra que não!...

P. THEODOSIO

Por amor do paiz... e para bem dos seus amigos (confidencialmente) que somos nós.

J. TAVEIRA

É verdade!... E eu que sabia isso perfeitamente e não me lembrava!...

SCENA VI

Os MESMOS E A. DA CERVEIRA que entra fundo-esquerda

P. THEODOSIO, ao encontro de A. da Cerveira

Tenho a honra de cumprimentar o primeiro jornalista do meu paiz...

J. TAVEIRA

E igualmente...

A. DA CERVEIRA

Tanta benevolencia! (ao P. Theodosio) Muito obrigado.

P. THEODOSIO

Benevolencia! Costumo ser rigorissimo, para as miserias gralhas que só procuram infeitar-se (indica Cerveira) com as pennas do pavão!

A. DA CERVEIRA, com desdem altivo

Trabalha-se... Faz-se quanto se póde...

P. THEODOSIO

Trabalha-se... e muito! Formidavel artigo o d'hoje... Bem pensado e bem escripto!... Obra

de mestre! Póde-se comparar aos melhores, dos melhores tempos da Revolução!... Principalmente aquelle final é de arromba!... «Um partido não é isto... Um partido não é aquillo... Um partido não é aquell'outro! Pelo contrario: Um partido deve ser isto... Um partido deve ser aquillo... Um partido deve ser est'outro!...» Magnifico fecho! Soberbo... soberbissimo programma politico!... (com um sorriso indicando Mauricio) Foi pensado *a duo*...

J. TAVEIRA, dá parte

E eu que o não li?...

A. DA CERVEIRA, com negligencia

Não... Foi escripto exclusivamente por mim. Folgo de que me tivesse comprehendido, meu amigo. É na realidade um programma politico...

P. THEODOSIO

Percebi-o logo. Por isso o decorei, para o repetir, onde seja conveniente.

A. DA CERVEIRA

É um artigo de combate. Talvez forte de mais; mas não me pude dominar! Somos assim os que nos lançamos nos turbilhões da vida publica! Atacamos sem consideração e, no ardor da peleja, ferimos mais do que desejavamos... D'aqui

a má vontade e a calúnia fomentada pelos contrarios!... (Pausa.) Ah! tem seus encantos a politica; mas tambem tem seus dissabores. Não ha rosa sem espinhos!... A taça por onde bebemos o nectar das paixões que nos enebriam, tem quasi sempre no fundo amargas fezes!...

J. TAVEIRA, áparte

Como elle sabe dizer estas coisas a seguir é que me admira! Um magricellas por quem eu, ainda hontem, não dava um vintem!...

P. THEODOSIO

Era melhor conversarmos lá dentro (abraça amigamente A. da Cerveira pelo tronco e vae-o conduzindo para o fundo-esquerda.) Podemol-o acordar...

A. DA CERVEIRA

Mas não trepidarei! Creiam-n'ó amigos e adversarios!... Ou eu, ou elles! Emquanto esses homens, que ahi estão no poder, indignamente agarrados ás pastas, se conservarem, serei implacavel! Ah! quereis a guerra?! Pois tereis a guerra dura e sem treguas!... Não sou homem para armisticios. Senhores ministros, é necessario que alguém seja vencido!... (o ultimo periodo ao transpôr a porta) que alguém, de entre nós, fique no campo da batalha!...

SCENA VII

MAURICIO e depois CORREIA

(Mauricio, sonhando, falla de cada vez mais agitado e perceptivel até ao final em que cahe com estrondo do sophá abaixo)

MAURICIO, pouco perceptivel

Presidente!... Bem do paiz!...

CORREIA, apparecendo á esquerda-alta

Sonha. É com politica! Podéra!... Elle é politica ao almoço, é politica ao jantar... é politica a dormir...

MAURICIO, falla mais perceptivel

Paiz ha de saber... Empregados demettidos...

CORREIA, dirigindo-se para a porta

Mau!... Se acorda e dá commigo...

MAURICIO, sonhando muito alto

Opposição facciosa?!... Presidente!... Publicas liberdades... Governo... cahirá no abysmo... (cahe do sophá abaixo.)

CORREIA, esconde-se para traz do reposteiro do fundo-esquerda

Safa-te.

MAURICIO, extremunhado

Que é?!... Que foi?!... Que diabo!... Julguei que estava na camara... Ouviria alguém?!

CORREIA, por detraz do reposteiro

Vossa Excellencia dá licença?

MAURICIO

Entra. (a Correia) Ouviste alguma coisa?

CORREIA

Não, senhor conselheiro.

MAURICIO

Pareceu-me um tremor de terra!...

CORREIA

Ah! então ouvi sim senhor. Não sabia o que era; mas ouvi...

MAURICIO

Pois fica sabendo. Foi um tremor de terra.

CORREIA

Lá fóra está o senhor padre Theodosio e creio que já entraram mais uns senhores.

MAURICIO

Quando ouvires outro barulho assim, podes dizer a todo o mundo, que foi um tremor de terra.
(Sahe fundo-esquerda.)

CORREIA

Sim, meu senhor, vou já dizer lá para dentro.

SCENA VIII

CORREIA, só

CORREIA, voltado para o fundo

És esperto... Um rico trambulhão, é que foi. Queria-me enganar!... Tem razão... n'este mundo só vivemos para enganar uns os outros!... Mas tem graça! Cahe do sophá abaixo e diz que foi um tremor de terra. Quando elle cahe a terra treme toda!... É claro como agua, e aquelle que o não entender assim é um asno... Sempre nós os criados aturâmos cada espiga!... E temos de nos sujeitar!... Quando me verei eu livre d'esta maldita vida! (sahe esquerda-alta.)

SCENA IX

MAURICIO, A. DA CERVEIRA, P. THEODOSIO,
J. TAVEIRA

MAURICIO, a A. da Cerveira

É muito exaltado, meu caro. Vê sempre as

coisas de modo que... chega a causar medo á gente. (para os outros dois) Isto de poetas e romancistas, apesar de lhes respeitar o talento e de os admirar, não acredito muito n'elles para a politica.

A. DA CERVEIRA, com certo desdem

Tem razão... Isso não se póde entender comigo que, nem faço poesias, nem romances...

MAURICIO

Mas já fez...

A. DA CERVEIRA

Alguns simples folhetins, que são peccados veniaes em litteratura. No entanto, quem terá muito a agradecer-lhe é Benjamim Disraeli, o grande politico inglez, que Vossa Excellencia tanto admira, e que é o auctor dos romances bem conhecidos, o Lothair e o Sybil...

MAURICIO

Sempre ouvi dizer que uma excepção confirma a regra... O senhor exaggera muito as coisas. (ao P. Theodosio e a J. Taveira) Não acham que, muitas vezes, exaggera as coisas?!

A. DA CERVEIRA

Exaggera?!... Então a Europa não será actualmente um vulcão?!... Não se ouve o sussurro subterraneo da lava que ferve?!... Não sentem os estremeções da terra que se convulciona?!...

MAURICIO

Não senhor, não ouço, nem sinto nada d'isso!... É boa, quer que lhe diga que ouço sem ouvir?!... Deixemo-nos de historias, tenho ouvido a muito homem de juizo, que o espirito conseruador vencerá essa peste do espirito revolucionario.

A. DA CERVEIRA, com vivacidade

Vencerá; mas não sem lucta, creia-o vossa Excellencia! Em toda a Europa formam-se legiões d'obreiros, recrutados pelas exigencias industriaes da vida moderna:—são nihilistas na Russia, socialistas em Allemanha, communistas em França, mazinistas em Italia, esfomeados em Inglaterra, federaes em Hespanha! N'um só dia, no espaço d'algumas horas... talvez em minutos, a isto que se chama a velha Europa, sabem o que lhe póde acontecer?!...

J. TAVEIRA

O que, meu amigo?!...

A. DA CERVEIRA

Ir pelos ares...

P. THEODOSIO

Mas... senhor Cerveira.

A. DA CERVEIRA

Não admitto más, nem meio más, é a Europa

pelos ares, tenho dito. A questão formula-se simplesmente: Milhões d'homens que tem fome, apresentam-se, qualquer dia, diante de alguns ricos a pedir-lhe pão, e estes negam-lh'o...

J. TAVEIRA

É falso!... Tenho dado muito dez réis a esses pobres da rua!...

A. DA CERVEIRA, a J. Taveira

Terá; mas, se os jornaes da Europa não mentem, esses pobres continuam a ter fome...

J. TAVEIRA

Pois que trabalhem, que eu faço o mesmo...

A. DA CERVEIRA

Que trabalhem?!... Que trabalhem?!... Vá-lh'o dizer. Escangalham tudo, atiram com tudo pelos ares... Quem tem ouvidos para ouvir, ouça; quem tem olhos para ver, veja, que os tempos approximam-se!...

MAURICIO

Muito bem. Todos tem fallado menos eu. Agora sentem-se que vão ouvir a minha resposta. (a A. da Cerveira) Sente-se tambem, que eu já lhe respondo. Vão ver... como eu já lhe respondo. Ah!... o amigo cuidava, que me pilhava descalço n'essa

materia? Vae ver que o não estou... Mostro-lhe já, que tambem estudo essas questões da moda. (a P. Theodosio e a J. Taveira) Porque são questões da moda, que d'aqui a dois dias já não existem. Vão ouvir. (a A. da Cerveira) Ora diga-me o senhor... responda-me a isto: — Cá em Portugal vê alguma d'essas coisas, que existem lá pelo resto da Europa?!...

P. THEODOSIO

Isso não vê!...

A. DA CERVEIRA, a P. Theodosio

Não vêjo?!

J. TAVEIRA

Não vê, não.

A. DA CERVEIRA, a J. Taveira

Vejo, vejo, sim, senhor. Alcantara mexe-se, e Braga, que significa a reacção, dorme de olho aberto.

MAURICIO

Não mexe nada, não dorme d'olho aberto... Com essas suas palavras até me atrapalha... Isto cá, meu amigo, é paz podre... felizmente. Nada do que diz esse grande sophismador Proudhon cá existe...

P. THEODOSIO

Prou... que?!

MAURICIO

Proudhon. Não conhece? pois é um sujeito

que apregôa uma philosophia, que tem a seguinte base absurda: «A propriedade é um roubo e Deus é um mal!...»

P. THEODOSIO

Como?!...

MAURICIO

Diz que a existencia do Todo Poderoso, creador do ceu e da terra, que nossos paes nos ensinaram a respeitar e de que o amigo é um ministro, é um mal. Como quem pretende affirmar:—Esse tal Deus... era melhor não existir.

P. THEODOSIO

Oh! que grandissimo atheu! Onde é que móra essa besta?!

J. TAVEIRA, a Mauricio

E o que diz elle da propriedade?

MAURICIO

Ah! tambem lhe toca pela pelle. É de opinião que, aquelles predios que o amigo comprou na rua dos Capellistas, não foram pagos com o seu dinheiro; foram... roubados.

J. TAVEIRA

Queria conhecer esse pulha, para m'ó dizer cara a cara... Esta bengala havia de trabalhar.

P. THEODOSIO, a Mauricio

E como é o nome d'esse burro?!

MAURICIO

Proudhon... Chama-se Proudhon.

P. THEODOSIO

Podão... é que elle me parece...

J. TAVEIRA, a A. da Cerveira

E são as tolices d'este alarve que o senhor apregôa?!

A.-DA CERVEIRA

De modo nenhum! Nunca o li, mas já por vezes tenho combatido as suas ideias...

J. TAVEIRA

Ah!... Já me canta...

P. THEODOSIO

O senhor é um homem de talento...

MAURICIO

Nunca o leu, disse? Estamos no mesmo caso. Tenho ouvido no Gremio fallar d'elle, e desde o primeiro dia, que me tenho opposto á introducção

em Portugal de taes disparates. Talvez no meu discurso d'esta noite falle na materia!

A. DA CERVEIRA, levantando-se

É verdade, vossa Excellencia ha de querer tomar os seus apontamentos.

MAURICIO

Estava n'esse trabalho, quando os meus amigos entraram.

P. THEODOSIO, com intensão

Vimos isso... Pois é continual-o. Nós retiramo-nos.

MAURICIO

Até á noite. (despedindo-se de cada um com apertos de mão) Apareçam-me em grande numero. Deve ser imponente a reunião! O governo de certo está preocupado.

P. THEODOSIO

Preocupadissimo! Eu que o sei!...

(Sahe P. Theodosio e J. Taveira.)

MAURICIO, a A. da Cerveira

E o senhor, que é um homem de futuro, deixou-se de me apregoar certas theorias...

A. DA CERVEIRA

Que quer vossa Excellencia?! são convicções...

MAURICIO

Convicções o que? Não ha convicções, ha o seu futuro. (sahe A. da Cerveira.)

SCENA X

MAURICIO, só

(Deixa-se cahir n'uma cadeira.)

MAURICIO

Apre! Tenho a cabeça em agua! O tal amigo Cerveira, sempre é um argumentador de mil demonios!... Mas venci-o a elle e convenci os outros... Parece que todos se retiraram satisfeitos... (Pausa) Retiraram... retiraram, por força... (Pausa) Eu n'estas coisas de politica tenho pensado alguma coisa... Por isso posso fallar de cadeira... Á noite, basta-me ter uma victoria equal.

SCENA XI

MAURICIO, GUILHERME, que entra fundo-direita

GUILHERME, entrando

Bons dias, Mauricio.

MAURICIO

Bons dias Guilherme.

GUILHERME

Estou ás tuas ordens.

MAURICIO

Á noite é a famosa reunião das opposições colligadas! Será imponente. O governo está preocupado.

GUILHERME

Se o governo não tiver outros phantasmas, póde dormir regaladamente.

MAURICIO

Não percebes de politica. Coisas altas, mano!... coisas altas!...

GUILHERME

A politica para ti tem tido um unico fim: dar de comer a alguns vadios.

MAURICIO

Ora que tu parece divertires-te em me ser desagradavel!

GUILHERME

Quero que tenhas juizo. Mas... vamos ao assumpto da carta que hontem me escreveste.

MAURICIO, zangado

Não escrevi carta nenhuma. Hoje só penso no discurso que pronunciarei esta noite.

GUILHERME

Não me escreveste carta nenhuma! (tira uma carta do bolso que conserva na mão.)

MAURICIO, passeia sem o attender

Não. (pausa) E se escreví já não me lembra. Hoje sou todo para a politica.

GUILHERME

Sabes do que eu te fallo?!

MAURICIO

Nem quero saber... Vou tomar apontamentos.

GUILHERME

Mas eu te explico, Mauricio...

MAURICIO

Não expliques nada... Deve ser uma reunião importante!...

GUILHERME, depois d'uma pausa em que olha fixamente M. e affectando uma intonação decisiva

Que se não effectuará; porque o governo quer obstar...

MAURICIO, correndo para Guilherme

Obstar?!... Obstar?!... Não terá coragem. Digo-te mais, não terá força. Então é só querer prohibir a manifestação do pensamento?! Não vivemos na Russia! Estamos n'um paiz de liberdade.

GUILHERME

Liberdade que consiste em os paes casarem as filhas com quem querem, sem as consultar, produzindo assim uniões desgraçadas.

MAURICIO

Se é a respeito de Clara que assim fallas, não tens razão. O marido que lhe destino é um cavalheiro da mais elevada posição social e que lhe garante uma vida ostentosa.

GUILHERME

É o que tu me affirmas n'esta carta, (mostra-lhe) sem me dizeres quem é o proferido...

MAURICIO

Ah! eu escrevi-te a esse respeito? Nem já me

lembrava. Pois a minha cabeça não é de ferro, não póde attender a tudo ao mesmo tempo...

SCENA XI

OS MESMOS, D. MATHILDE, CLARA,
LEOPOLDINA, que entram fundo-direita

GUILHERME, dirigindo-se ás senhoras

Já de passeio?

D. MATHILDE

De comprar estas prendas para a Mathildinha, que faz hoje annos.

LEOPOLDINA, a Guilherme

Sabía papá?

GUILHERME

Sabía. Disse-m'o tua mãe. Vamos tambem esta noite dar os parabens á D. Guilhermina.

CLARA, a Mauricio, que passeia distrahido

Ouviu?! Venha comnosco. Ha de passar-se muito bem... (Mauricio faz-lhe um gesto de enfado.)

GUILHERME, depois de examinar as prendas

Mas a pequena com estas lindas prendas deve ficar contentissima.

LEOPOLDINA, para Mauricio

Ainda falta a do tio Mauricio, que é o padrinho. Queremos ver o seu gosto...

MAURICIO, parando

Sentem-se e escutem-me que vamos tratar d'um objecto da maxima consideração.

⁶
D. MATHILDE

Santo nome! Que voz tão solemne!

GUILHERME, áparte

Um discurso!... Preparemos os ouvidos e a paciencia. (alto) É melhor fecharem-se as portas... (fecha-as.)

CLARA, a Leopoldina

Que será?

LEOPOLDINA, a Clara

Teu pae, tem cara de caso!...

MAURICIO, com importancia

É na realidade momentoso o assumpto de que nos vamos occupar!...

LEOPOLDINA, a Clara

É politica...

MAURICIO

N'elle se comprehende o mais complicado... o mais transcendente problema de todos os tempos, tanto antigos, como modernos. Na minha dupla qualidade de chefe politico e de chefe de familia, mais do que ninguem, tenho altissimos deveres a cumprir, sérias responsabilidades a que attender!...

LEOPOLDINA, a Clara

Será o discurso d'esta noite?

MAURICIO

Outro mais leviano e menos capaz de reconhecer a situação; outro que não estivesse á *verdadeira altura*, poderia ignorar ou fingir que ignorava, preterir ou fingir que preteria... os seus deveres e obrigações correlativas. Eu não! Eu não; porque toda a minha ambição, todo o meu empenho... é encontrar-me, frente a frente, com as difficuldades, para ter occasião de as vencer!... (pausa) Haverá por ventura, para um philosopho, materia mais delicada do que a familia?! Poderão apontar a um estadista, a um legislador problema mais... difficil do que a sua constituição?! Não, de certo! (fica suspenso de cara alta, olhando com vaidade para todos.)

D. MATHILDE, a Guilherme

Sabe o que elle quer dizer?

GUILHERME

Ouça-o, e logo saberá!...

MAURICIO, a D. Mathilde

Se me has de interromper, não continúo!...

GUILHERME, a Mauricio

Anda homem. Isto era outra coisa.

MAURICIO

Não que, quando eu fallo, creio que não chia um carro!... (tomando a primitiva attitude de orador) A familia, como disse um homem celebre, cujo nome seria feliz em recordar, se me lembrasse, é a pedra angular do bello e magestoso edificio social! Os sabios da Grecia, da Roma antiga, para ella dirigiram toda a sua meditação!... os politicos (designa-se) de todos os tempos os seus cuidados!... A religião pela bocca sagrada dos velhos patriarchas, dos concilios e dos seus eminentes doutores, tambem reunia pensamentos que tem chegado até nós...

GUILHERME, com enthusiasmo

Muito bem... Bravo!...

MAURICIO, indo juncto de Guilherme

Não sei se esse applauso é serio...

GUILHERME

Oh!...

MAURICIO

Eu tenho estudado muito este assumpto. Era deputado quando estive na tela da discussão o casamento civil e fiz um discurso, como devem estar lembrados... Foi applaudido, mas tambem lhe estudei a valer... Estudei como um cavallo.

D. MATHILDE, a Clara

Mas que quererá isto dizer?

CLARA

Eu não sei, mamã...

LEOPOLDINA

Eu... não percebi nada...

MAURICIO

As senhoras fazem favor de se callar?! Assim não posso seguir o fio do discurso!... Não sabem que o casamento é um assumpto sobre que o nosso codigo dispõe excellentemente, prescrevendo-o para os vinte e um annos?!

D. MATHILDE, a Mauricio

Mas que temos nós com isso?!

MAURICIO

Que temos nós com isso?! É boa! Temos tudo. Se o código determina o casamento para os vinte e um annos é porque legisladores políticos (designa-se) entenderam, que assim era conveniente e indispensavel á manutenção da ordem social...

D. MATHILDE

Mas nós já casámos... creio eu.

MAURICIO

Máu! Não se trata de nós. Clara não está para tocar a meta da idade exarada na lei?!

LEOPOLDINA

Mas Clara não se vae casar!

MAURICIO

Ignorante, és uma ignorante! Vae-se cazar, sim, senhora.

LEOPOLDINA

Se ella quizer...

MAURICIO

Ha de querer por força. A lei manda.

D. MATHILDE

Ora a lei!... Conheço muita gente solteira...

MAURICIO

Estão fóra da lei... O codigo não póde ser letra morta. Deu-nos muito trabalho, não é para estar ahi ás moscas, sem se cumprir...

LEOPOLDINA, a Clara que chora com a cara escondida
no seio de Leopoldina

Deixa que teu pae não é tão tyranno como parece...

MAURICIO

Engana-se. Sou um tyranno, sou, sim senhora... Um Nero, um Caligala se quizer!... Ha de cazar.

D. MATHILDE

Mas onde está o marido!

MAURICIO

Já lh'o arranjei hontem.

D. MATHILDE

E sem me consultar?

MAURICIO, pára diante de sua mulher

Ora diz-me tu uma coisa: Se um sujeito me

encontrar no meio da rua e me disser:— «Ó amigo e senhor Mauricio Pontino, tome lá estes cem contos de réis.» Queres que eu lhe responda:— «Muito obrigado; mas falla-me n'isso ámanhã. Não posso acceitar, sem primeiro ouvir minha mulher». Queres que lhe diga isto?!

D. MATHILDE

Não... mas...

MAURICIO

Mas... foi o que se deu. Um cavalheiro da mais elevada cathegoria social, grande posição e grande respeitabilidade... um futuro ministro emfim, faz-nos a subida honra de querer ligar ao nome de Clara, o seu que é distinctissimo. Falamos hontem n'isso e acceitei immediatamente.

GUILHERME

E quem é esse Principe? Póde-se saber!

MAURICIO

Não é Principe; mas é o meu correligionario e amigo, Visconde da Carregueira, Juiz do Supremo!...

TODOS, menos Clara que se abraça mais a Leopoldina

Oh!...

MAURICIO

Oh! que?

LEOPOLDINA

Um tabaqueiro de sessenta annos!

MAURICIO, a Leopoldina

Um que?!

D. MATHILDE

Um velho que póde ser meu pae?!

MAURICIO, a D.^ª Mathilde

Póde que?!

GUILHERME, um tanto afastado de modo que
só é ouvido por Mauricio

Que grande melrinho!...

MAURICIO, a Guilherme

Grande que?!

CLARA, levantando-se com vivacidade, a seu pae

E se eu não quizer cazar!

MAURICIO, a Clara

Se não quizeres... obrigo-te.

LEOPOLDINA, a Mauricio

Mas se Clara amar outro homem?!

MAURICIO, a Leopoldina

Quebro as costellas a esse homem.

GUILHERME

Olhem um politico liberal!...

MAURICIO, a Guilherme

Qual politico liberal nem qual diabo!... Escan-
galho-o, quebro-lhe as costellas, já disse. (vae di-
reito ao fundo-esquerda e volta até ao meio da scena) Quebro-
lhe as costellas, torno a dizer.

Cahe o panno

FIM DO 1.º ACTO

ACTO II

Gabinete do Conselheiro Mauricio Pontino

SCENA I

MAURICIO E CORREIA

(Mauricio de robe-de-chambre e boné de borla, passeia contente)

MAURICIO

Os jornaes d'hoje, já vieram?

CORREIA

Já, senhor Conselheiro.

MAURICIO

Leste-os?

MAURICIO

Depois da recommendação que Vossa Excellencia me fez hontem, á noite, li o de Noticias. Gosto do de Noticias... é um jornal que *a gente* entende...

MAURICIO

Falla da importante reunião politica?

CORREIA

Saberá Vossa Excellencia que falla. Diz muitos elogios do senhor Conselheiro.

MAURICIO

É um jornal sério... Na realidade o meu discurso foi applaudidissimo. A celebre phrase, que eu pronunciei por acaso, produziu uma ovação... um verdadeiro delirio! Vem lá a celebre phrase, que eu pronunciei por acaso?

CORREIA

Sim, meu senhor...; mas... já não estou muito certo...

MAURICIO

És um bruto... Esta minha sorte, de viver entre gente que me não comprehende!... O discurso será publicado na integra! Trará essa phrase de inspiração!... Mas tel-a ouvido hontem á noite,

era muito melhor... Mais de tresentas pessoas a applaudiram phreneticamente!... Magnifico!... Um triumpho!... Imagina tu, ó Correia: Eu estava fallando sobre um estrado!... Em baixo centenas de pessoas a ouvirem!... Tu não podes fazer ideia; mas era assim, como um chão... coberto de cáras, todas voltadas para mim!...

CORREIA

Bem sei, senhor Conselheiro. Tenho visto d'isso nas egrejas, quando o prégador está no pulpito...

MAURICIO

Exactamente!... Bonita comparação, se é tua!... Mas escuta, que eu te conto: A principio barrem-se-me todas as ideias e fiquei como um bruto chapado!... Seccava-se-me a bocca... sentia um nó na garganta... Depois tive a boa lembrança de beber um copo d'agua d'uma assentada... Parece que foi ali, que tinham deitado a celebre phrase; porque, logo em seguida, sem eu saber como, *ella* sae-me pela bocca fóra e vejo-me rapidamente acclamado por toda a gente... Queres que te diga?!... Nunca vi acclamar ninguem d'aquella maneira!

CORREIA

Se eu lá estivesse, tambem havia de dar palmas e vivas ao senhor Conselheiro...

MAURICIO

Podéra! Havias de fazer como toda a gente. Mas tu não a podias comprehender; porque phrases d'inspiração, como aquella, não são para criados... Disse muita gente, que lá estava, que nunca ouvira outra igual!... Abraçavam-me... pegavam em mim ao collo... um delirio! (Pausa) Se logo, quando sahires, te disserem alguma coisa, vem-m'a repetir... Podes-te ir embora!... Se vierem esses senhores do costume, manda-os entrar.

SCENA II

MAURICIO, só

(Passeia reflectivo e contente)

MAURICIO

«Bravo!... Bravo!... MUITISSIMO BEM!...» Era o que se ouviu, durante mais de quinze minutos! Não me deixavam fallar... Interrompiam-me a todos os momentos, com appoiados e bravos!... Á sahida hiam-me rasgando o casaco com repe-lões!... O que é ter o dom da palavra!... Sem a gente querer, levanta-se um publico, com uma simples phrase! Sou verdadeiramente perdido por estes triumphos da tribuna! É o meu fraco... N'este mundo, não ha nada maior, do que ser um grande orador! Chegar uma pessoa ali á camara, pedir a palavra e deixar tudo embasbacado é o supremo da gloria!...

SCENA III

MAURICIO E GUILHERME, que entra fundo-direita

MAURICIO, a Guilherme que entra

Já leste os jornaes? Já alguém te fallou no meu triumpho?

GUILHERME

Todos os jornaes e toda a gente falla.

MAURICIO

Mas pessoas de consideração?!... Gente de valor?!...

GUILHERME

De grande consideração, e de grande valor!... Anda tudo de queixo cahido.

MAURICIO, abstractamente

É claro, não poderá resistir muito tempo!...

GUILHERME

Quem? Tu?!...

MAURICIO

Não, homem, o Governo.

GUILHERME

Ah!... com certeza! Estão em terra!

MAURICIO

Foi uma victoria, como eu mesmo não esperava. Nunca me julguei capaz de tanto!... Confesso-t'o!...

GUILHERME

Oh! fazias mal. Tu sempre tiveste a bossa de orador.

MAURICIO

Só hontem á noite ũ comprehendí verdadeiramente. Oh!... a celebre phrase! Sabes de cór a celebre phrase?

GUILHERME

Ainda a não ouvi...

MAURICIO

Homem, pois se m'a ouvisses a mim!... Imagina-me n'um estrado alto... Mais de trezentas caras a olhar para mim... Eu, com uma especie de nó na garganta, sem poder fallar... Lembro-me de pedir um copo d'agua, porque tinha a bocca sêcca... pegava-se-me a lingua... Depois digo umas coisas sem grande significação... Por fim apodeira-se de mim uma termura nervosa, sóbe-me á cabeça uma coisa que não sei explicar, faço um arremeço de indignação e pronuncio estas palavras que hei de conservar toda a minha vida na memoria. (Affecta a attitude e voz d'orador) «De tudo quanto tem feito este governo nefasto ao paiz, não

ficará reforma sobre reforma, nem consentiremos empregado sobre empregado!...

GUILHERME

Ha! Ha! Ha!... Bravo!... Appoiado... Ha! Ha! Ha!...

MAURICIO

Magnifico, hein?!

GUILHERME

He! He! He!... Excelente!... He! He! He!... optimo!...

MAURICIO

Um pensamento de arromba!

GUILHERME

Hi! Hi! Hi!... arromba!... Hi! Hi! Hi!...

MAURICIO

Uma estocada no peito do governo!...

GUILHERME

Ho! Ho! Ho!... estocada... Ho! Ho! Ho!...

MAURICIO

Não pódem durar muito tempo...

GUILHERME, cahindo sobre o sophá

Ha! Ha! Ha!... não podem durar!... He! He!
He!... muito tempo... Hi! Hi! Hi!... cahirá... Ho!
Ho! Ho!... (sae ás gargalhadas pela esquerda-alta.)

MAURICIO

Foi exactamente o effeito que lá produziu!
Uma verdadeira ovação!..

SCENA IV

MAURICIO, só

MAURICIO

E eu não a tinha estudado! Sahiu-me pela
bôcca sem me sentir... O melhor é a gente não
estudar nada... Isto de grandes estudos, sempre
me pareceu uma leria. Quantas vezes tenho pas-
sado noites inteiras a meditar os discursos dos
meus collegas, que tem sido muito applaudidos
na camara, só para ver se percebo como se ar-
ranjam aquelles triumphos!... Afinal gasto horas
e horas a tomar apontamentos... vou para lá... e
nem um appoiado!... N'outras occasiões, como
hontem, quando a gente menos espéra, é isto...

uma victoria!... Sempre ouvi dizer, e é verdade, o melhor é a gente entregar-se á sorte. (Pausa) Mas porque se riria tanto Guilherme?!... É porque tambem lhe achou graça!...

SCENA V

MAURICIO, P. THEODOSIO, J. TAVEIRA,
que entram fundo-esquerda

MAURICIO, correndo para elles, abraça-os.

Meus amigos!...

P. THEODOSIO

Excellentissimo senhor! Parabens, os meus cor-deaes parabens! Deixe fallar quem falla, se é que alguem não admirou aquelle triumpho!

J. TAVEIRA

Senhor Conselheiro: encheu-me as medidas!

MAURICIO, com vaidade

Então que se diz por ahi?!...

P. THEODOSIO

É opinião minha, que, felizmente, não teremos por muito tempo no poder esses homens detestados.

J. TAVEIRA

Detestadissimos! Homens sem palavra, que foram assignar o contracto do fornecimento dos novos fardamentos, com Gonçalves & C.^a! Veja lá Vossa Excellencia! Só n'uma costa d'Africa!...

P. THEODOSIO, a J. Taveira

Que é isso, em face do que dizem que me vão fazer! Retirar-me da commissão da Bulla da Santa Cruzada! Imagine que infamia, que marteira!...

MAURICIO

O que?! Pois fazem isso?! É prepotencia!

P. THEODOSIO

É cabralismo puro!... é o diabo que os leve a todos!... são quatro centos mil réis de menos. D'um cacete é que elles precisam!... Pois... que me não puchem!... que me não puchem, que sou homem para os desancar no meio da rua!... Perco o respeito a isto que aqui me puzeram na cabeça e quebro-lhes os braços!...

J. TAVEIRA

É o que elles merecem. Se o senhor é homem para o fazer, eu sou homem para o ajudar. Vão assignar um contracto com outra casa com-

mercial, depois de me terem promettido! Ainda que eu gaste contos de réis, hão de perder as proximas eleições! Asseguro-lh'o!

P. THEODOSIO, a Mauricio

Eu lá vou para o ministerio da justiça resolvido a tudo. Que me não façam chegar a mostarda ao nariz, senão temos lá asneira!...

MAURICIO

Prudencia, meu amigo, modere-se. Um homem da sua posição deve levar tudo com certa brandura.

P. THEODOSIO

Qual brandura, nem qual diabo, excellentissimo. São quatrocentos mil réis de menos. Como hei de sustentar a minha familia, não me dirá?!...

J. TAVEIRA, ao P. Theodosio

Tinha ouvido dizer que não tinha parentes...

P. THEODOSIO

Que lhe importa ao senhor!... seu millionario... seu ricasso!... Tenho uma familia a sustentar... É da sua conta?!... Cá vou para o ministerio da justiça! E que me não façam partida... porque as temos?... (sahe.)

J. TAVEIRA, a Mauricio

Coitado! Perdeu a cabeça! Eu tambem vou ao ministerio da guerra ver se ainda posso obstar... Vossa excellencia apparece?

MAURICIO

Não tardo muito... Os amigos servem para as occasiões... Lá appareço... (J. Taveira sahe.)

SCENA VI

MAURICIO, A. DA CERVEIRA, que entra fundo esquerda, e P. THEODOSIO que volta a traz com elle.

P. THEODOSIO, a A. da Cerveira

Então não acha isto uma refinada patifaria?!

A. DA CERVEIRA, ao P. Theodosio

Sinceramente... não. O praso da commissão acabou, e como não ha motivo para continuar...

P. THEODOSIO

Entende o senhor que se deve dar por finda!... Bonito!... E assim fica uma pessoa sem quatrocentos mil réis por anno! Sabe que mais?! O senhor é tão bom como elles... Como já comeu, está satisfeito... (sahe rapidamente.)

MAURICIO, a A. da Cerveira

Um homem desorientado!... Desculpe-o!...

A. DA CERVEIRA, com entono

Justiça a direito para amigos e para adversarios! Quando formos poder, tambem desejaremos que nol-a façam. Não me mudaram elles de repartição?... A salla, onde eu estava, era commoda e tinha um excellente calorifico! Ali, podia, mesmo á vista dos chefes, fazer o meu artigo do nosso jornal, e a correspondencia para o Porto! Hoje, se quero trabalhar, tenho de sahir; porque, o cubiculo para onde me encafuaram, é humido, e não possue sequer um misero fogão! (Pausa) Mas é preciso sermos rigorosos e verdadeiros: tinham ou não tinham direito de me mudar?! Tinham. Logo obedeci conformado.

MAURICIO

Nem todas as pessoas tem a mesma intelligencia para perceber as coisas!...

A. DA CERVEIRA

Bem sei que me podem observar, como, ainda agora, a isso alludiu, inconvenientemente, esse ecclesiastico de cabeça perdida, que mudei de repartição; porque alcancei melhora de ordenado. É verdade, não o nego, os meus vencimentos hoje são melhores! Porém, não tendo fogão para

juncto d'elle escrever os meus artigos e correspondencia, tenho de sahir para executar estes trabalhos em outra parte, o que, deve confessar-se, é um inconveniente para meus interesses.

MAURICIO

É claro... Mas diga-me cá. Falla-se na reunião d'hontem?...

A. DA CERVEIRA

Os homens cahem irremediavelmente. Ha des-harmonias no gabinete. Podem considerar-se em crise.

MAURICIO, com impaciencia

Mas... do meu discurso, que se diz?!..

A. DA CERVEIRA

Trago-o aqui. (mostra os linguados) Escrevi-o hoje e sahirá ámanhã no jornal. Vossa Excellencia quer ouvi-lo?...

MAURICIO

Não é preciso. Fio-me no seu talento, como das outras vezes... Deixou-me ao menos a celebre phrase?

A. DA CERVEIRA

Explico a Vossa Excellencia... Não deixei...

MAURICIO

Mas... então porque?!...

A. DA CERVEIRA

É preciso tirar todas as armas aos adversarios. Os jornaes do governo já hoje principiam a fazer... certa troça...

MAURICIO

Troça?!... Troça?!... Uma phrase que já aqui foi admirada por meu irmão Guilherme!...

A. DA CERVEIRA

Ha phrases que tem um grande merecimento na bocca dos verdadeiros oradores, d'aquelles que tem o dom da palavra, como Vossa Excellencia; porém escriptas... perdem todo esse merecimento.

MAURICIO

Se o amigo, que é um rapaz de talento, o diz, é porque é assim... Mas não me parece caso para os taes senhores do governo fazerem troça. Sim... isso é que me não parece!... Eu já os não leio, e, se continuarem, passo a pedir a todas as minhas relações, que os não assignem. Pela bocca é que hão de morrer, como o peixe.

A. DA CERVEIRA

Más... senhor Conselheiro, os jornaes do governo estão no seu posto, fazem a sua obrigação. Que procedimento é o nosso, o meu e o de Vossa Excellencia, em face dos actos dos ministros?! Pela minha parte, não os tenho eu flagelado desapiedadamente?! Umas vezes são as minhas crueis ironias; outras a minha indignação apaixonada, que lhe vae cahir sobre a cabeça... Na reunião de hontem á noite, não fez o senhor Conselheiro allusões bem claras e certeiras á situação?!

MAURICIO

Allusões terriveis! Fiz, bem sei que fiz, e d'isso me posso gabar!

A. DA CERVEIRA

Então que quer Vossa Excellencia que façam os jornalistas governamentaes?! Que nos atirem, como nós lhe temos atirado! É natural. Estão no seu posto, nós conservar-nos-hemos no nosso.

MAURICIO

E carregue-m'os bem. N'esse meu discurso que vae publicar, metta-lhes bastante pimenta, para lhes arder a lingua. Ah! miseraveis! Fazeis troça?! Julguaes que eu sou de cera?! Carga. Bastante pimenta, meu caro Cerveira.

A. DA CERVEIRA, pegando no chapéu

Deixe-os por minha conta... Vou á redacção. O discurso sahirá amanhã e será fulminante! Ha de gostar. (Pausa e n'um tom mais familiar) Hontem recebi, por intermedio do nosso amigo João Taveira, as vinte libras. Quanto devo ás repetidas generosidades de Vossa Excellencia!...

MAURICIO

Ora deixe-se d'isso... Os amigos são para as occasiões... Eu tambem lhe devo os meus favores!...

(A. da Cerveira sahe.)

SCENA VII

MAURICIO, só

MAURICIO, meditabundo

Não percebo!... Palavra d'honra que os não percebo!... Quando ella me sahiu sem eu me sentir, produziu um verdadeiro delirio!... Vem este, que é um rapaz de talento, que me tem servido de muito e diz que é uma phrase boa para ser pronunciada por quem tenha um verdadeiro talento de orador como eu; mas que... escripta não fará bom effeito!... Seja!... Aprender até morrer... (Pausa) Mas... em todo o caso, é uma phrase energica e que os taes *jornalecos* do governo, se a redicularisam, é que lhes doeu. Se

elles gritam é por lhes ter acertado com o chumbo todo!... (dirige-se para esquerda-alta) Vou-me arranjar para ir saber o que se diz do meu discurso... (sahe.)

SCENA VIII

D. MATHILDE, CLARA, LEOPOLDINA,
GUILHERME entram esquerda-baixa

GUILHERME

A D. Guilhermina furiosa, hein?

D. MATHILDE

Se lhe parece! De mais a mais eu fui tão parva que, fiando-me nas ultimas promessas de Mauricio, tinha-lhe affirmado que elle chegaria mais tarde, com uma bonita prenda para a afilhada...

GUILHERME

Eu estava entertido com o meu *Boston*, nem reparei no que se passou. Mas que disse a D. Guilhermina?

D. MATHILDE

Não se queixou... É muito bem educada ..

GUILHERME, a Clara

Como vês, este teu pae esquece tudo, preocupando-se só com a ideia de ser ministro... Não o deves temer. A estas horas talvez se não lembre de que hontem tinha tenção de te casar...

LEOPOLDINA

Ah! não lembra!... O tal noivo lh'o recordará!...

GUILHERME, a Leopoldina

Tens razão... O perigo está em que Mauricio considera este casamento, como um caso de vantagens, para engrandecer o seu imaginario partido!

D. MATHILDE

Bem cára nos tem ficado a tal politica!... Esses homens, que cercam e lisongeam Mauricio, de certo o não fazem de graça!...

GUILHERME

E com razão!... Ninguem está para inventar um estadista sem lhe pagarem... Outros comem-lhe dinheiro, este, o visconde, receberá em recompensa a mão e o dote de Clara, do qual elle não deixa de precisar...

CLARA

Pois que lhe dê o meu dote, se isso é preciso;

mas, da minha mão, que me deixe dispor, conforme a minha inclinação...

GUILHERME, a Clara pegando-lhe na mão

E terás tu alguma pessoa, para quem a reserves, esta linda mão?! (olha para D. Mathilde interrogando-a com um aceno.)

D. MATHILDE, para Guilherme

Eu não sei nada!...

GUILHERME, a Leopoldina

Tu é que deves estar senhora d'esse grande segredo!... Ella gosta d'algum rapaz?!

LEOPOLDINA, olhando para Clara

Clara?!... Então?!

CLARA

Deixa-me...

GUILHERME, a Clara, approximando-se d'ella

Tu nunca podes escolher um homem indigno!... É melhor seres franca. . Quem é?!...

CLARA

Um rapaz ainda pobre...

GUILHERME

A pobreza não é indignidade. (a Leopoldina) O seu nome? É nosso conhecido?

LEOPOLDINA, a Clara

Não dizes?!... (depois d'uma pausa, a Guilherme) Sebastião...

D. MATHILDE

Quem? (Clara vem esconder-lhe o rosto no seio.)

GUILHERME, com entusiasmo

Sebastião de Figueiredo!?!... Optimo! Magnifico! O melhor rapaz do mundo!

D. MATHILDE, a Guilherme

Mas quem é?!

GUILHERME

Aquelle de quem lhe temos fallado! O nosso amigo de Paris, cujo conhecimento nós fizemos, quando elle estudava lá a engenharia! Chegou a Lisboa ha quinze dias. (a Clara) Mas foi muito rapida essa paixão!...

CLARA

Encontrei-me com elle uma vez na casa do tio e depois d'isso escreveu-me duas cartas...

LEOPOLDINA

A culpada... fui eu. Fallava tanto de Sebastião a Clara, que ella, já antes de o ver... pensava n'elle.

GUILHERME, a D. Mathilde

Afianço-lhe que sua filha, não podia encontrar um rapaz mais digno. É uma grande intelligencia e um rarissimo caracter. (olhando para esquerda-alta) Ahi vem Mauricio... Tambem o não conhece...

SCENA IX

OS MESMOS E MAURICIO

(Mauricio entra de sobrecasaca, chapéu na mão, bengala, como quem vae sahir)

D. MATHILDE

Então já vaes sahir? Não páras um minuto...

MAURICIO

Quero ver o que se diz... É preciso mostrar-me. Não acreditas nos triumphos de teu marido?! Pergunta a Guilherme, o que por ahi vae, a respeito do meu discurso!... E a celebre phrase?!... Disseste-lhe a celebre phrase?

GUILHERME, a Mauricio

Não disse... É boa, mas não se deve repetir.

MAURICIO

O que?!... Vão lá entendel-os. O outro que não deve ser escripta; este que não se deve repetir!... Bollas... Não os comprehendo... (alto) Vou ao que se diz...(dirige-se para a porta fundo-direita.)

LEOPOLDINA

Olhe que não se encontre com o pae da Mathildinha...

MAURICIO

O meu compadre Nicolau de Sousa?! É sempre um dos que me felicita pelos meus triumphos politicos... É d'aquelles poucòs com quem me entendo. Tomára eu encontral-o!... É um abraço sincero e apertado que recebo.

D. MATHILDE

Hoje não te felicitará!...

MAURICIO

Então porque?! Achas que não foi uma grande victoria? Guilherme que t'ò diga, pelo que ouviu...

LEOPOLDINA

Pois sim... mas o tio Mauricio, depois de ter promettido, nem foi á *soirée*, nem levou a prenda á Mathildinha...

MAURICIO

Soirée!... prenda para a afilhada!... (recordando-se)
Oh com seiscentas pipas!... Nunca mais me lembrou!...

GUILHERME, a Mauricio

Por isso Nicolau entende, que as suas relações comtigo estão cortadas...

MAURICIO

Póde lá ser!... Foi um esquecimento. Vou-me lançar aos pés de D. Guilhermina. Ha de me perdoar! Foi aquelle Visconde da Carregueira, que me enterteve com as suas conversas... (a Clara) Fallámos muito do teu casamento. Conformate com os meus desejos e planos, que será a tua felicidade e a de teu pae!... Que grande tacto politico o do Visconde! Como elle me comprehendeu hontem o discurso! Quando se despediu de mim disse: «O senhor é um grande homem!...» (de novo a Clara) Estás pelo que hontem te disse?!

CLARA

Não m'o aconselha o coração...

D. MATHILDE, a Mauricio

Um homem que é mais velho do que eu!...

MAURICIO

Melhor, tambem tem mais juizo.

LEOPOLDINA

Que póde ser avô de Clara.

MAURICIO

Por isso saberá aconselhal-a.

GUILHERME, a Mauricio

Pensa bem, antes de tomar uma resolução...

MAURICIO

Tenho pensado... É negocio decedido e não me contradigam.

SCENA X

OS MESMOS E CORREIA

CORREIA, a Mauricio

O senhor Visconde da Carregueira, espera na
salla as ordens de Vossa Excellencia.

MAURICIO

Veio a proposito... Vou já recebê-lo (sahe e atraz d'elle Correia.)

GUILHERME, a Clara

Retiremo-nos. Vou-te aconselhar. Obedece-me que te livrarei do tal Visconde. É melhor deixal-os sós...

(Sahem pela esquerda-alta)

SCENA XI

MAURICIO, VISCONDE DA CARREGUEIRA,
depois CORREIA

MAURICIO, ao Visconde

Ainda agora aqui as deixei... Eu mando-as chamar. (toca a campainha.)

VISCONDE

Oh! não, por quem é! Não estou em *toilette!* Não vinha preparado...

MAURICIO, a Correia que apparece

A senhora e a menina se fazem favor de chegar aqui. Se o senhor Guilherme e a senhora

D. Leopoldina ainda estão, também podem vir...
(ao Visconde) Não temos segredos para elles.

(Correia sahe esquerda-alta)

VISCONDE

Oh! de certo! É tudo a mesma familia. Acho muito interessante aquella sua sobrinha...

MAURICIO

Mas... torne-me a dizer... Sinceramente, o effeito da reunião, surprehendente hein?!...

VISCONDE

Acertou-lhes em cheio meu caro amigo. Vossa Excellencia foi d'uma felicidade envejavel no seu discurso. Diz-se por ahi, que estão em crise... e eu acredito.

MAURICIO

Tambem eu. Preveni facilmente este resultado; por isso empreguei toda a minha energia. Saber atacar no momento proprio, é dos habeis politicos...

VISCONDE

Habeis, como Vossa Excellencia, ha poucos no paiz... deixe-me dizer-lh'o sem lisonja. Affirmo ainda mais, não ha nenhum...

MAURICIO

Oh!... (toma-lhe a mão, que aproxima do coração) Como
lhe sou grato!...

SCENA XII

OS MESMOS, D. MATHILDE, CLARA

VISCONDE, áparte

E eu que não estou em *toilette* d'effeito!...

D. MATHILDE, a Mauricio

Teu irmão e Leopoldina tinham-se retirado
pedindo-te desculpa.

VISCONDE, a D. Mathilde

Minha illustre senhora, honro-me sobre modo,
em depôr aos seus pés as minhas homenagens!...
(a Clara) Felicito-me pela encontrar tão encanta-
dora!... Ainda hontem se disse, n'um dos salões
da nossa alta sociedade, que Vossa Excellencia
é uma formosura!...

MAURICIO, áparte

O diabo do homem, até n'estas coisas é dis-
tincto!... O nascimento é tudo!...

CLARA

Devo ser pouco conhecida n'esses salões, senhor Visconde. Só lá tenho passado casualmente...

VISCONDE, áparte

Deliciosa!... Um tenro morango!...

MAURICIO, a Clara

Principia agora a tua Época. Um marido que seja homem de consideração, sabe melhor apresentar sua esposa, do que um pae como eu, que anda sempre envolvido em complicações sérias... (ao Visconde) Já hontem communiquei a minha mulher e a minha filha, que Vossa Excellencia nos dá a subida honra...

VISCONDE, levando a mão de Mauricio ao coração

Recebo-a, meu caro conselheiro, recebo-a.

MAURICIO

Clara (designa-a) será viscondessa da Carregueira e Mathilde (designa-a) ha de orgulhar-se com o engrandecimento de sua filha...

VISCONDE

Penhoradissimo... penhoradissimo!... (a D. Mathilde e a Clara) Eu tenho de me desculpar de não vir

em *toilette*. Conheço a sociedade e sei que a casa é de rigor... Porém, ha uma anticipação, em se aproveitar este momento, para resolver a pretensão mais solemne da minha vida... Lamento não ter adivinhado; porque teria vindo em *toilette*...

MAURICIO

Na magnitude do assumpto e na qualidade das pessoas encontro eu a verdadeira solemnidade e importancia. Este casamento de minha filha com um homem, por tantos titulos notavel, é para mim motivo de contentamento, principalmente por ser com um dos meus fieis correligionarios. (abraça-se ao Visconde.)

VISCONDE

Nunca poderia pertencer senão ao partido de Vossa Excellencia. Em nenhum outro estadista portuguez reconheço as qualidades eminentes, que encontro no conselheiro.

MAURICIO

Vossa Excellencia é um dos poucos que me ha comprehendido!...

VISCONDE

Tenho essa vaidade.

D. MATHILDE, ao Visconde

É, na realidade, grande a honra que recebemos, no simples desejo de Vossa Excellencia...

MAURICIO, áparte

Já mudou d'opinião. Podéra!

D. MATHILDE

...Mas tenho uma difficuldade...

MAURICIO, áparte

Mau... mau!...

VISCONDE, a D. Mathilde

Qual é minha senhora?!...

D. MATHILDE

A differença d'edades... Já pensou, Vossa Excellencia, na differença d'edades?

VISCONDE

De certo...

D. MATHILDE

E então?

VISCONDE

Não me parece grande... (afectando juventude) Tenho-as visto maiores... (a Clara) Porém, a senhora D. Clara, é que poderá dizer...

CLARA

Vossa Excellencia de certo acredita que, n'este momento, o meu espirito se encontra bastante perturbado... Desde hontem, que foi quando meu pae me annunciou esta... união, ainda não pude encontrar a verdadeira expressão dos meus sentimentos...

VISCONDE

Compreende-se... É uma resolução grave na vida de uma senhora! O coração dos que amam, é um abysmo incomprehensivel! (áparte) Oh! eu que o diga, que amo e soffro!...

CLARA

Recolher todas as idéas contradictorias, que me tem assaltado durante algumas horas, parece-me necessario...

VISCONDE, interrompendo

Para sentir a erupção expontanea e magestosa do amor?! Oh! como eu a comprehendo maravilhosamente! Só quem nunca amou, é que poderá dizer outra coisa. (exclamando) Eu não que

amo e com toda a ardencia d'uma juventude...
fogosa...

CLARA

Por isso pedia-lhe, senhor Visconde, que me deixasse alguns dias, para consultar os meus sentimentos verdadeiros...

VISCONDE, enleiado

De certo... parece-me justo... (áparte) Acaso não teria eu poder de encendi-la na verdadeira chamma?! É a primeira que me resiste!... (alto a Mauricio) Estou que Vossa Excellencia consentirá!...

MAURICIO

Enganou-se! Enganou-se redondamente! Fallaram todos?! (a Clara) Fallaste tu?! (a D. Mathilde) Fallaste tu tambem?! (ao Visconde) Fallou Vossa Excellencia?!... Pois bem; agora fallo eu. (pausa) Não ha differença de edades, não ha dias para reflectir! É negocio decidido, é um casamento contractado! Conserva Vossa Excellencia as suas ideias?

VISCONDE

Conservarei... (estendendo a mão) até á morte.

(Clara sahe chorando pela esquerda-baixa)

MAURICIO

Pois, então, póde o senhor Visconde contar,

que dentro em oito dias, minha filha, será sua mulher.

VISCONDE

Não me é licito oppôr-me a desejos tão formaes! Submetto-me.

MAURICIO

E não ha subterfugios, nem evasivas! Sou um homem acostumado a lutar; mas não a deixar-me vencer. N'esta casa quem manda sou eu... (a D. Mathilde) Entendeste?...

VISCONDE

Moderação, meu caro conselheiro!...

MAURICIO

Não ha moderação. Em oito dias ha de chamar-se viscondessa da Carregueira. Então acham bonito, que esteja um homem a crear, com todos os cuidados, uma filha, a dar-lhe educação, a tratá-la nas doenças... a vigial-a... para um dia n'um negocio de importancia politica como este, ella dizer um redondo não e ficar tudo acabado?! Acham bonito?!... Acham logico?!... Acham racional?!...

VISCONDE

Em todo o caso, succeda o que succeder, eu serei sempre um dos seus fieis correligionarios.

MAURICIO, ainda exaltado

Bem sei. Conheço-o. É um amigo... um fiel

correligionario e, por isso, jámais consentirei em que, os nossos bellos planos, sejam transtornados por um capricho. Além de tudo, devemos reconhecer, que é *uma honra* que Vossa Excellencia nos faz, *uma distincção*... e despresam-n'a?!... É dar um pontapé na fortuna. Ha de ser viscondessa, custe o que custar (estendendo a mão solemne-mente ao Visconde) Aqui lh'o juro.

D. MATHILDE, a Mauricio

Mauricio!... o senhor Visconde concordava...

MAURICIO

Deixal-o... É muito bondoso... Conheço-o...
(a D. Mathilde) Nem uma palavra mais!

D. MATHILDE, ao Visconde

Senhor Visconde...

VISCONDE

Submetto-me, minha senhora.

SCENA XIII

OS MESMOS, CORREIA

CORREIA, apresentando uma carta a Mauricio

Para Vossa Excellencia... (sahe.)

MAURICIO, toma a carta e vae-a abrindo

Tenho dito. É uma resolução tomada. Estou afeito a lutar com maiores obstaculos! Ha de ser Viscondessa da Carregueira, está decidido. Ha de ser; porque eu quero. (lendo a carta) De quem é esta carta?! De Clara!... (pausa) Que é isto?! Fugiu!... (sente-se rodar uma carruagem e Mauricio exclama voltando para a porta) Pois foges, filha ingrata, só por eu querer a tua felicidade!?

D. MATHILDE

O que? Fug... iu? Ah! meu Deus! (sahe esquerda-baixa.)

VISCONDE, a Mauricio

Pois abandonou a casa paterna?!!

MAURICIO

É verdade! Quer-se furtar á *tyrannia*. (allude a uma expressão da carta)

VISCONDE, exclama, áparte

Ah! Perfida! que me não amas! Não tive tempo de lhe accender no coração a verdadeira chamma!

MAURICIO, passeia agitadamente e toca a campainha

Mas a *tyrannia* eu lh'a darei!... Vou pôr toda

a politica em movimento. Hão de ser presos, eu lhe prometto! (Correia entra de novo). Correia, o meu chapéu e a minha bengala. Depressa, chapéu e bengala. Hão de ser presos, meu caro Visconde. Estava combinado forçosamente! Quem será o miseravel seductor! Irá por uma barra fóra, eu lh'o affianço (acceita o chapéu e bengala das mãos de Correia) Vamos lá Visconde. (leva o Visconde á bocca da scena) O senhor ainda a quer, se a encontrarmos?

VISCONDE

Se quero!... Agora mais do que nunca para conseguir encendial-a na verdadeira chamma do amor!

MAURICIO, ao Visconde, dirigindo-se ambos ao fundo-direita

Então corramos em busca d'elles. Hão de ser encontrados, a filha ingrata e o seu infame seductor! A policia trabalhará!... Será Viscondessa da Carregueira, agora mais do que nunca, visto que Vossa Excellencia assim mesmo a quer... (sahem)

Cahe o panno

FIM DO 2.º ACTO

ACTO III

Salla em casa de Guilherme Pontino, decorada com certo bom gosto e simplicidade. Ao fundo uma porta para a escada; á direita duas janellas; á esquerda duas portas, para o interior.

G

SCENA I

LEOPOLDINA E CLARA

LEOPOLDINA, a Clara, retirando-se da janella

Jesus! Esconde-te filha! Ahi vem na rua o teu papá, o meu, e Sebastião! O meu papá fez-me signal para que te avisasse. Já entraram para a escada. (retiram-se ambas pela esquerda-baixa)

SCENA II

GUILHERME, MAURICIO, SEBASTIÃO
DE FIGUEIREDO

GUILHERME

Conversem um pouco, em quanto vou escrever a carta... (a Sebastião) que me pediste! (sahe pela esquerda-alta.)

MAURICIO, a Sebastião

A opinião de Vossa Excellencia é, que o ministerio não póde durar?...

SEBASTIÃO

Ouço-o a toda a gente, que presume entender de negocios politicos.

MAURICIO

Os meus vaticinios tambem são desfavoraveis á situação...

SEBASTIÃO

Ha simplesmente quinze dias que cheguei a Lisboa, por isso, só posso referir o que dizem... Tenho ouvido, que a opposição de Vossa Excellencia ao actual gabinete, tem sido energica e cerrada...

MAURICIO

Tenho-os combatido... por bem do paiz. Aceito completamente a responsabilidade d'este procedimento; porque me diz a consciencia, que tenho andado conforme aos interesses da nação.

SEBASTIÃO

Se me é licito perguntal-o, como poderá ser

resolvida a crise, que, no momento actual, é manifesta?...

MAURICIO

Altos designios da corôa!... A opinião publica, que muitas vezes chega aos ouvidos do Monarcha, poderá influir... Porém, Sua Magestade, é que tem a suprema vontade...

SEBASTIÃO

A opinião publica parece ter-se declarado com certo favor...

MAURICIO, com vivacidade

A respeito de quem?!...

SEBASTIÃO

Ignora-o, senhor conselheiro?!

MAURICIO, com reserva

De certo!...

SEBASTIÃO

Não sei se me engano, mas o grupo politico que Vossa Excellencia dirige, dizem que terá bôa parte na herança ministerial...

MAURICIO, com vivacidade

E a quem o ouviu dizer?!... A quem foi?!...

SEBASTIÃO

É voz corrente...

MAURICIO

Mas... especialmente, a quem? A gente de consideração?!

SEBASTIÃO

Da maior consideração, segundo penso.

MAURICIO

Homens importantes na politica?!... Deputados?!... Pares do reino?!... Pessoas da côrte?!... Sim... principalmente... Ouviu-o a pessoas da côrte?!...

SEBASTIÃO

Ouvi-o a um cavalheiro que, segundo penso, tem todos os elementos para andar bem informado...

MAURICIO

Alguem que priva com Sua Magestade?!...

Desculpe-me a minha impertinencia; mas ser, quem o disse, pessoa que viva na intimidade d'El-Rei, não é indifferente... Bem sei que as indicações constitucionaes são sempre respeitadas pelo Monarcha... bem sei que a opinião publica tem pezo; mas conhecer-se a opinião pessoal do Soberano... é sempre bom. Por isso eu lhe pergunto: O nome da pessoa a quem o ouviu?!...

SEBASTIÃO

Foi ao Conde Frazuella, meu amigo.

MAURICIO

Ah!... é um homem de muito talento e que na realidade tem todas as razões para estar bem informado. Eu tive sempre pelo Conde uma particular sympathia... É seu amigo, disse?...

SEBASTIÃO

Fiz estas relações em Paris.

MAURICIO

Distinçtissimo diplomata... e um verdadeiro homem d'estado. Sei o que elle pretende. Conheço a embaixada que lhe convem. Póde assegurar-lhe, particularmente, que sendo nós poder elle terá o que deseja...

SEBASTIÃO

É um acto de justiça...

MAURICIO

Justiça que faremos a todos os nossos amigos... A Vossa Excellencia, digo-lh'ó sem rebuço, compete-lhe um logar no parlamento. A sua intelligencia precisa de uma grande área. Na proxima camara necessitamos de homens novos, afeitos ao estudo, para tornar mais luzida a discussão... O senhor Figueiredo será dos nossos...

SCENA III

OS MESMOS E GUILHERME

GUILHERME, a Sebastião

Aqui tens a carta, que me pediste.

SEBASTIÃO

Obrigado... E retiro-me. (a Mauricio) Recebo as ordens de Vossa Excellencia...

MAURICIO

Peço-lhe que me dê sempre as suas. Os intimos amigos de meu irmão, são... meus amigos intimos. Desejo que appareça, por aquella sua

casa, para conversarmos... Olhe que temos muito que dizer. O senhor vê bem as coisas...

SEBASTIÃO

Irei, qualquer dia, apresentar os meus respeitos... (a Guilherme) Obrigado... até logo. (sahe)

SCENA IV

MAURICIO E GUILHERME

MAURICIO

Sim senhor, um rapaz de grandissimo talento, este teu amigo!...

GUILHERME

Ainda o não conheces bem.

MAURICIO

Não és tu que me has de ensinar a conhecer os homens!... Acerca da nossa situação politica e da resolução provavel da crise ministerial, que já é evidente, disse verdades que só queria que tu as ouvisses...

GUILHERME

Tem um grande tacto politico...

MAURICIO

Irá longe, digo-te eu. Está ali um ministro.

GUILHERME

Thiers, ouvia-o sempre com atenção e muitas vezes lhe disse, que tinha pena que elle não fosse francez...

MAURICIO

Quem?!... Thiers?!... Thiers ouvia-o... com atenção?!...

GUILHERME

Sim Thiers, o grande estadista, ouvia-o com muita atenção...

MAURICIO

Homem!... isso póde lá ser! Então este rapaz é das relações de Thiers?!

GUILHERME

Da intimidade, pódes dizer. Sebastião não t'o disse?

MAURICIO

Não!... Não me disse nada!...

GUILHERME

É o seu grande defeito, a modestia!...

MAURICIO

Mas isso é verdade, ó Guilherme! Então Thiers conversava com este rapaz, consultando-o! Isso dá-me volta ao miolo!...

GUILHERME

E, na correspondencia, semanalmente trocada, entre Disraeli e Thiers, este cita muitas vezes as opiniões do seu *jeune ami portugais!*

MAURICIO

Mas, com mil diabos! Porque é que me não disse elle essas coisas, que eu tambem tinha a fazer-lhe certas revelações? Aqui está como a gente anda vendido n'este mundo! Se eu soubesse que conversava com um intimo de Thiers e com um homem, cujas opiniões, chegavam confidentialmente, ao conhecimento do grande estadista Inglez, ter-lhe-hia dito então certas cousas mais finas... e mais elevadas!...

GUILHERME

Sebastião de Figueiredo mostra-se sempre reservado como um velho diplomata. É um verdadeiro politico—só diz o que lhe faz conta. Sa-

bes tu porventura o fim com que elle conversou contigo?! Haveria n'isto segundas vistas?

MAURICIO

Segundas vistas?!... Não percebo!...

GUILHERME

Aos chefes politicos das grandes potencias, hade-lhes convir saber, o que se pensa na Europa, em relação a certas questões...

MAURICIO

Sim!... Poderá ser... mas de mim tambem não pilhou nada de importancia! Se é esperto, tambem eu sou... Lá ronha... não tem mais do que eu!... De segredos d'estado não levou tanto como isto... (designa a extremidade d'um dedo) Eu, para te dizer a verdade, logo percebi, cá por uma coisa... que elle me queria explorar... Encontrou-se enganado... Se em França e Inglaterra ha homens espertos... finos estadistas... cá tambem houve um Rodrigo da Fonseca... e... outros tem havido...

GUILHERME

Mas um Thiers, sempre é um Thiers... É um nome Europeu!...

MAURICIO

Queres que te diga?! Já foi mais o meu ho-

mem. Esta coisa da Republica em França, está sendo... um mau exemplo...

GUILHERME

Ó Mauricio... Se tu és um liberal, deves acabar por ser republicano... É a logica.

MAURICIO

Eu te digo. Sou republicano em theoria. Na pratica, não... Ainda não vejo o povo preparado para a republica...

GUILHERME

Ninguém se póde responsabilisar pelo que succederá amanhã... Talvez tu ainda, como acontece a Thiers, venhas a ser...

MAURICIO

Não digas essas coisas... Acho muito cedo para a republica em Portugal, já te disse. São convicções...

(Mauricio senta-se n'um sophá e fica reflexivo.
Guilherme contempla-o com ironia.)

GUILHERME

Mauricio?!...

MAURICIO

Que é?

GUILHERME

Então?...

MAURICIO

O que?

GUILHERME

Em que pensas?...

MAURICIO

Póde lá ser?!... Uma republica!... Eu Pres...
como Thiers!... Não é possível!

GUILHERME

E... de Clara... que noticias?

MAURICIO, levanta-se vivamente

Oh! meu Deus, que já me tinha esquecido
redondamente! Sahi para ir á policia e este teu
amigo, tanto me captivou... Vamos lá ambos...
O commissario deve ter novidades... Ha de ser
encontrada e mais o seu infame raptador. Elle
irá por uma barra fóra e ella ou entrará n'um
convento, ou será, agora mais do que nunca.

Viscondessa da Carregueira. Filha ingrata! Desgostas os dias de teu velho pae, que só quer a tua ventura! Não conseguirás o teu damnado intento. A policia mexe-se! Uma carruagem de praça, passou hontem á tarde nas portas de S. Sebastião, com os *stores* corridos... Os cavallos eram brancos e o cocheiro batias-os com força... Ha de ser ella e o seu infame raptador!...

GUILHERME

Qual raptador?

MAURICIO

Aquelle que a seduziu e que pagará a infamia, com os ossos no Limoeiro; porque ella ainda é menor...

GUILHERME

Conhecias-lhe, por ventura, alguma inclinação?

MAURICIO

Não... mas...

GUILHERME

Mas... não conhecendo, com que direito inventas um raptador?...

MAURICIO

Então que poderá ser?!... De mais a mais,

aquelle trem... com *stores* corridos... cavallos brancos... cocheiro a bater...

GUILHERME

São indícios bastantes para acreditar na des-honra de tua filha?!

MAURICIO

A policia já foi na ²direcção de Cintra... de Queluz .. de Mafra...

GUILHERME, com animação

É um procedimento insensato e calumniador. . Tu deverias ser... o ultimo homem, a duvidar da virtude de Clara... Que precedentes ha, que auctorisem essa leviandade?!... nenhuns.

MAURICIO

Tu fazes-me perder o juizo Guilherme! Que se deve pensar d'uma rapariga de vinte annos, que foge de casa de seu pae?! Que se foi metter n'um convento, por seu pé?!

GUILHERME

Não. Mas que, para não supportar uma tyrannia odiosa...

MAURICIO

Guilh...!

GUILHERME

Odiosa sim! de um pae que pretendia ligal-a a um homem que lhe repugnava; Clara—pobre creança!—provavelmente preferiu a morte!

MAURICIO

A morte!!!

GUILHERME

Sim, a morte! Póde-se ter deitado ao Tejo! Póde-se ter suicidado...

MAURICIO, larga pausa, a fisionomia transtorna-se-lhe

O que?! Que dizes tu? Suicidado... Clara?!... Minha filha, para se livrar da minha crueldade... fugir de casa, para se deitar ao Tejo!... Não póde ser!... (Pausa) Antes ella tenha fugido com um homem mais obscuro e pobre!.. Isso terá remedio... poderei casal-os. Sou rico, tenho posição, farei d'elle um... um deputado... farei tudo que se poder fazer e todos seremos felizes sendo contentes!... (Pausa) Mas... suicidar-se... afogar-se no Tejo... apparecer na margem ao fim de oito dias!... Não póde ser, não ha de ser, tu não o acreditas... Vou já á policia, fallarei ao commissario, dar-

se-hão todas as ordens... Ha de ser encontrada viva... minha filha não se suicidava... Clara havia de saber que eu só desejo a sua felicidade...
(sahe precipitadamente.)

GUILHERME

Apezar de tudo... é um pae!...

SCENA V

GUILHERME, CLARA, LEOPOLDINA,
D. MATHILDE E D. CANDIDA, entram esquerda-baixa

CLARA, entrando rapidamente falla na direcção do fundo

Querido pae! Como é bom e extremoso!...

D. MATHILDE

No meio de todas as suas distracções politicas,
o seu coração é dos melhores!...

CLARA, a D. Mathilde

Porque me não deixaste? Deitar-me-hia aqui
a seus pés e perdoar-nos-hiamos reciprocamente.
(Deixa-se cahir no sophá)

LEOPOLDINA, a Guilherme

Não ouve?! Custou-me a ter mão n'ella! Que-
ria, á viva força, que a deixasse vir á salla.

D. CANDIDA

E Mathilde o mesmo! Se as não agarramos...

GUILHERME

Era uma imprudencia! Seria perder todo o terreno...

D. MATHILDE

Pois elle estava tão afflicto! Tive medo que lhe desse alguma coisa!...

CLARA, chorosa

Se eu soubéra isto, não teria sahido de casa!...

LEOPOLDINA, a Clara

É porque te não repugna, tanto como affirmas, o ser Viscondessa da Carregueira.

CLARA

Não digas isso... O que eu quero é ir abraçar meu pae!... Elle não me imporá um casamento que me é odioso...

GUILHERME, a Clara

Conhecel-o mal, pelo que vejo. Se lhe appareceres, antes de podermos desconceituar, no seu

espírito, o Visconde, continuará na sua ambição de te casar com elle. Aquelles transportes passam-lhe já, apezar de sinceros, se lhe disserem, ali na rua, que o ministerio cahiu. Obedece-me. É preciso representar-se a comedia até ao fim.

D. MATHILDE, a D. Candida

Vem hoje passar o dia commigo. Ando no meio d'uma confusão desde hontem, que me parece ter-se virado o mundo de avesso.

D. CANDIDA

Irei substituir Clara. Deixa-me ir pôr o chapéu (despede-se para sahir com D. Mathilde, que igualmente se despede.)

D. MATHILDE, a Guilherme

Não prolongue isto por muito tempo. Temo algum transtorno em Mauricio.

GUILHERME, a D. Mathilde

Não tema. A esta hora, talvez esteja bem entertido conversando de politica. Parece que não vive com elle, ha vinte annos!...

(D. Mathilde e D. Candida sahem pela esquerda-baixa)

SCENA VI

GUILHERME, LEOPOLDINA E CLARA

GUILHERME, a Clara

Tem paciencia por em quanto. Eu vou sahir,

mas volto. Se teu pae por ahi entrar, esconde-te. Eu te direi quando lhe deves apparecer. Se o fizeres, sem minha ordem, arrependes-te de certo.

LEOPOLDINA, a Guilherme

Vá descansado, que eu não lhe consentirei que appareça.

(Guilherme sahe)

· SCENA VII

LEOPOLDINA E CLARA

(Sentam-se, Clara com as costas para o fundo)

LEOPOLDINA

Amas muito Sebastião?

CLARA

Que pergunta!... Não o sabes tu melhor que elle proprio?!... Quem tem sido a minha confidente?!...

LEOPOLDINA

Elle é o meu irmão. Estimo-o como se o fosse verdadeiro. Às pessoas a quem consagro a minha affeição, consagro-a absolutamente. Por isso, ás vezes, chego a receiar que tu... não o ames tanto como me dizes...

CLARA

Essa duvida encommoda-me tanto, como se viesse d'elle... Penso até que terá vindo...

LEOPOLDINA

Oh! não... não veio...

CLARA

Se pudesses comprehender, se eu te pudesse explicar por meio de palavras, como depois que vejo contrariada esta minha inclinação, o amo mais!... Foi a assustadora ideia de o perder, que me susteve ainda agora, e não foram os teus braços mais fortes... Se a sua figura imponente me não apparecesse na imaginação, ordenando-me este procedimento, eu teria vindo cahir aos pés de meu pae... Talvez Sebastião não comprehenda o meu sacrificio!...

LEOPOLDINA

Não fazes bem uma ideia de qual é a grandeza do seu coração! Amal-o muito, acredito, mas amal-o-has mais, quando o conheceres de véras...

CLARA

O que eu fiz hontem, prova a intensidade da minha paixão. A minha timidez natural revol-

tava-se contra o plano de teu pae... Porém fui tão cruelmente tractada...

LEOPOLDINA

Parece-me descobrir-te um ligeiro arrependimento... O Visconde não te repugnará?!...

CLARA, tapando-lhe a bocca

Oh! não repitas isso, terceira vez! (Pausa) Repugna-me sim! A sua pelle é encarquilhada, as mãos são velhas... Sabes o que me parece o seu nariz vermelho?!... O d'aquelle pedinte que, em Pedroços, se atravessava no caminho da gente, quando iamos para o banho e a quem eu tinha medo...

LEOPOLDINA

Esse amor, minha querida, não é propriamente o verdadeiro, o dos poetas. Entenderes que amas Sebastião, porque o Visconde tem a pelle encarquilhada e as mãos velhas...

(Sebastião apparece ao fundo. Leopoldina vê-o e dá-lhe signal para que páre. Sebastião fica á entrada)

CLARA

Ah! Não é isso. Não t'ò saberei eu explicar bem? Ouve lá: ainda que não fosse tão encantador e attrahente, como é, estou certa que o

amava... (Pausa) Suppõe tu que elle tinha as be-xigas, e ficava completamente desfigurado! Eu amava-o do mesmo modo... com a mesma in-tensidade... Podia toda a gente achal-o feiissimo... medonho... horrendo... eu continuaria a adoral-o e não os acreditava...

LEOPOLDINA

E ainda tu fallaste com elle, pouco tempo!... A sua voz é melodiosa... tem encantos!...

CLARA

Desejava tanto vel-o e ouvil-o...

LEOPOLDINA

Nada mais facil... Elle voltará hoje por ahi...

CLARA

Isso não... Hoje sinto-me contrariada, sem ideias... Não teria nada que lhe dizer.

LEOPOLDINA

Pois estás aqui muito arriscada... Sabes que entra, como pessoa de familia... nunca se faz annunciar...

CLARA, levanta-se

Então vamos lá para dentro... Tens razão...

Póde vir... Se elle agora apparecesse ficava estúpida...

LEOPOLDINA, para o fundo e fingindo-se surprehendida

Ah! Sebastião!...

CLARA, voltando-se e vendo Sebastião

Ah!... (senta-se de novo)

LEOPOLDINA, a Sebastião

Estavas ahi?!... É muito feio, senhor parisiense, escutar o que a gente diz... Podia ser um *grande* segredo...

SCENA VIII

AS MESMAS E SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO, que se aproxima devagar, dirigindo-se para Leopoldina

SEBASTIÃO

Perdão minha irmã... Ouvi; mas não escutei... Arrependo-me de que, sem intenção, tenha vindo interromper confidencias bem intimas e delicadas de certo. Retiro-me immediatamente, para as deixar continuar. O papá Guilherme está em casa?

LEOPOLDINA

Demora-te um instante, se tens que lhe dizer; porque não tardará. Em quanto a segredos...

SEBASTIÃO

Sei que os não surprehendi. Fallavam d'uma pessoa... mas eu provavelmente não a conheço... Depois de seis annos fóra de Lisboa é natural ter muito reduzidos as minhas relações (a Leopoldina) Eu não sei quem é a pessoa de que fallavam, não é verdade?!...

LEOPOLDINA

É verdade...

SEBASTIÃO, a Clara

E Vossa Excellencia como tem passado?! Sinto-me feliz, pela tornar a ver...

CLARA, com acanhamento

Muito obrigada... Tenho passado bem. E o senhor Sebastião de Figueiredo, não tem estranhado a mudança para Lisboa?

SEBASTIÃO

Lisboa é a minha terra. Não a podia estranhar.

CLARA

Pois sim; mas Paris, ha de ser sempre Paris... Uma grande cidade... muitos divertimentos...

SEBASTIÃO

Paris é realmente uma grande cidade. Tem enorme riqueza e ostenta um luxo entontecedor... Porém a mim, um simples estudante, era-me defeso o goso d'essas grandezas que via passar... Os museus e as escolas são de primeira ordem, os estrangeiros admiram-n'os... mas aquelles que, como eu, n'ellas passam momentos amargosos, —tenho vergonha de o dizer!—chegam a aborre-cel-os...

CLARA

Tem-me dito muita gente, que ha em Paris, mulheres formosas...

SEBASTIÃO

É uma cidade frequentada por muitas estrangeiras... As parisienses não pódem competir com ellas em belleza; mas a muitas, gabam-se de as vencer em espirito e em maneiras .. Porém (a Leopoldina) tu sabes, como eu sempre amei a nossa simplicidade e como, ás vezes, me desgostavam os requintes d'algumas parisienses nossas conhecidas... (com ironia) Sempre fui, um grande patriota?...

LEOPOLDINA, levanta-se e muda para o sophá fronteiro,
levando um livro

É certo... E quando vaes para o Minho?

SEBASTIÃO

Dentro em oito dias.

LEOPOLDINA, áparte, já sentada, finge que lê

Deixal-os arrulhar.

CLARA, a Sebastião

Vae ao Minho?

SEBASTIÃO

Sim, minha senhora, em serviço...

CLARA

Tenho ouvido dizer que é uma paizagem formosissima...

SEBASTIÃO

Chamam-lhe, nos livros e nos jornaes, o jardim de Portugal. Precisa justificar este epitheto... que obriga.

CLARA

Desejava immenso ir lá...

SEBASTIÃO

E, eu, teria igual prazer em lhe fazer a companhia.

CLARA, sorrindo

Não estamos na America. As meninas solteiras, cá, só viajam em companhia de seu pae... de sua mãe... de...

SEBASTIÃO

...D'uma tia velha... d'um tio respeitavel... bem sei. Porém, minha senhora, eu não fiz senão mostrar desejo de lhe fazer companhia... (Pausa) Quem sabe?... Talvez este desejo, ainda possa vir a ser uma realidade...

CLARA

Sim... é possível... Se o papá um dia me levar... e o senhor Figueiredo tambem fôr...

SEBASTIÃO

E porque não irá sósinha, commigo?...

LEOPOLDINA, áparte, fingindo que lê

Senhor Sebastião!... Parece que se adianta!...

CLARA

Ah!... muito mais difficil. Era preciso que fossemos casados.

LEOPOLDINA, áparte

Chucha...

SEBASTIÃO

Mas é o que eu digo. Isso um dia, póde ser uma realidade...

LEOPOLDINA, vendo apparecer, ao fundo,
seu pae, levanta-se

Com estes formosos dias, não te tens lembrado os nossos passeios do *Bois*, Sebastião?

SEBASTIÃO

Tenho...

SCENA IX

OS MESMOS E GUILHERME e por fim MAURICIO

GUILHERME, áparte

Bonito para quadro!...

LEOPOLDINA, a Guilherme, indo-lhe ao encontro

Já de volta, papá?...

GUILHERME

Já. (a Sebastião) Vim a casa de proposito para te enviar a morada do homem. Voltaste cá por causa d'isso, talvez!...

SEBASTIÃO

Exactamente... Quando reparei no subscripto, é que vi, que não tinha a morada...

GUILHERME

Foi esquecimento. Mas deixa-me dizer-te: Mauricio ficou encantado contigo. Tocaste-lhe na corda.

☪
SEBASTIÃO

Não tenho consciencia do que lhe disse. Em política sou um inepto... não sei fallar!...

GUILHERME

Tolice... Sabes tanto como toda a gente. De politica ninguem sabe nada...

SEBASTIÃO

É certo. Á diplomacia chamou Balzac... o grande Balzac... «a sciencia dos que não tem nenhuma.» A politica, sempre me pareceu como a diplomacia. O que eu tenho observado, é que, isto que por ahi se designa com o nome de politica, é uma sciencia, exactamente, como a diplomacia de Balzac. (a Clara) Seu papá, pelo que me têm dito, é um homem de boa fé e apaixonado...

CLARA

Deixal-o... Se elle assim é feliz...

GUILHERME

Modo de ver, proprio d'uma senhora... Teu pae é um homem de boa fé, como diz Sebastião?!... Melhor, eu que o estimo; porque sou seu irmão, quero-o tirar das garras da matula que o cerca...

(Ouve-se dentro a voz de Mauricio)

MAURICIO

Guilherme! Guilherme! Grande novidade!...

CLARA E LEOPOLDINA

Ah!... (vão para fugir.)

GUILHERME, ás duas

Alto ahí! (a Clara) Não fujas... Para acolá...
(indica-lhe o logar juncto da direita-alta.)

SCENA X

OS MESMOS E MAURICIO, que entra entusiasmado

MAURICIO

Grande novidade... Cahiram!... Em terra!...

(a Sebastião) As suas prophecias realisaram-se. O senhor vê bem as coisas... Digo-lh'ò aqui... é um homem de grande talento!... Vi-os eu ir, com estes, todos fardados, para o Paço...

GUILHERME

Mas... que acontece Mauricio?

MAURICIO

É bôa!... És esperto!.. Bem se vê, que não nasceste para esta coisa de politica!... Cahiu o ministerio, homem! (designa Sebastião) Aqui o nosso amigo adivinhou... Encontrei-os todos fardados... de carruagem... iam para o Paço... O padre Theodosio e Alberto da Cerveira, já andavam á minha procura, e encontrando-me na rua disseram que, entre os nomes dos novos ministros, se encontra o meu. Se assim fôr podem *todos* contar com a minha protecção...

GUILHERME, a Mauricio

E de Clara, que noticias temos?

MAURICIO

Não cheguei á policia!... Vim trazer-te esta grande novidade... Agora vou dar todas as minhas ordens ao commissario... e depois, casa!... Metto-me em casa que podem andar á minha procura... e não devo perder esta occasião (volta-se para sahir e dá com os olhos em Clara.) Que é isto?!

GUILHERME, interpondo-se

Uma filha de quem o pae se esquece, mesmo julgando-a morta!... Agradece á Providencia que está ali.. (aponta Sebastião) Foi o seu salvador.

MAURICIO

O seu salvador? (abraça Sebastião) Como lhe se-
rei eternamente grato! Não é minha filha, é a
Viscondessa da Carregueira que Vossa Excellen-
cia salvou!

Cahe o panno

FIM DO 3.º ACTO

ACTO IV

Gabinete do Conselheiro Mauricio Pontino

SCENA I

MAURICIO, só, chegando á janella

Nem correio de ministro, nem Alberto da Cerveira, nem o diabo!... E eu desde hontem, aqui a passeiar, quasi sem dormir, só para estar prompto á primeira chamada!... (Pausa) Formarão elles ministerio sem mim?!... Não póde ser!... (ouve-se tocar a campainha da escada) É agora... Vejamos (senta-se e recosta-se n'um *fauteuil*, com um livro aberto, fingindo-se distrahido a ler.) Ninguem?!... (escuta) Parece que não!... Este meu creado é um bruto. Se me ha de avisar de todas as pessoas que entram!... (levanta-se e toca a campainha) Alguem ha de ser?! .. (Correia apparece ao fundo-direita) Tocaram?!...

CORREIA

Era o leiteiro.

VISCONDE

Bem... (Correia retira-se) É muito cedo!... Apenas

nove horas... O relógio hoje, anda mais devagar do que nos outros dias.. Se eu adiantando-o pudesse chegar ao meio dia, em cinco minutos!... (Pausa) Não devo impacientar-me!.. ainda não é tarde... (Pausa) Combinaremos um ministerio, conciliador de todos os interesses... Muita prudencia... transigir quanto se poder, para se viver desafogado... Isto de politica reformadora, é muito bonita para opposição... Quando cá se chega... quando se sobe ao poleiro... pensa-se d'outro modo. (ouve-se tocar de novo a campainha da escada) Ah! vem... Será correio de ministro, ou aviso confidencial?!... Vamos a ver... (escuta) Mau, mau! que isto não me vae parecendo bem!... E este criado, sem perceber que tenho necessidade de saber quem entra!.. (toca a campainha, Correia apparece) Entrou alguem?!...

CORREIA

O moço das compras, senhor Conselheiro!

MAURICIO

Se vier alguem que me procure, manda entrar e avisa-me.

CORREIA

Para visitas... ainda é muito cedo, meu senhor...

MAURICIO

Sabes lá... Cahi o ministerio...

CORREIA

Ah!... (retira-se.)

MAURICIO

Ah!... percebeste agora!... Depois de se saber a opposição energica que eu fiz, durante dois mezes, não era difficil perceber. A minha celebre phrase, foi um verdadeiro golpe de misericordia... Abri ao defunto a cova, com uma só enxadada. (ouve-se tocar a campainha da escada) Ah!... já me ias tardando, meu bebado de correio de ministro... São uns borrachões estes correios de ministro... A gente sobre brazas e elles a demorarem-se no caminho, quando são portadores de segredos da mais alta importancia politica... Reformarei complectamente este serviço. (toca a campainha) Aquelle que estiver ás minhas ordens, não lhe tolerarei uma só falta. (Correia apparece) Quem foi agora?...

CORREIA, com papeis na mão

O carteiro.

MAURICIO

Ha correspondencia? (acceita a que lhe entrega o criado, depois atira-a sobre o buffête) Jornaes da provincia! Ora que me importa a mim com o que elles podem dizer hoje!... Novidades posso-lhes eu dar!... (ouve-se tocar a campainha) Vae depressa. (Correia sahe e Mauricio falla para dentro) Manda entrar para a sal-

leta... Já era tardar cõ'a breca! Ralaram-me. (Pausa) Mas tambem para ser chamado ao Paço, tão cedo, era preciso que o meu nome tivesse grande significação na conjunctura... (Correia apparece) Entrou para a salleta?

CORREIA

Não meu senhor, deixou a caixa. Era um gallego da modista de chapeus.

MAURICIO

Diabo, tanta campainha sem apparecer ninguem! E então, nem mesmo ninguem! Nem o Visconde, nem Alberto da Cerveira, que deviam estar aqui em conferencia commigo! (ouve-se tocar a campainha da escada, Correia sahe e Mauricio falla na direcção da escada) É escusado. Agora ha de ser a lava-deira, ou o homem do carvão ou... o diabo, que os leve a todos estes insignificantes!...

CORREIA, á mesma porta

O senhor Alberto da Cerveira póde entrar?

MAURICIO

Já. Immediatamente. Diz-lhe que sim. Por essa porta mesmo...

(Criado sahe)

SCENA II

MAURICIO E A. DA CERVEIRA

MAURICIO, indo ao encontro

Como o esperava anciosamente!... Que novidades me traz?!...

A. DA CERVEIRA

Por emquanto nenhuma!...

MAURICIO

Mas em quem se falla?

A. DA CERVEIRA

Em toda a gente, como de costume.

MAURICIO

Em toda a gente... não. Hão de citar-se certos nomes...

A. DA CERVEIRA

Com certeza... Apontam-se nomes...

MAURICIO, depois de hesitação

Mas... com franqueza! Falla-se em mim?!

A. DA CERVEIRA

Olhe!... Com toda a franqueza?... Não falla.

MAURICIO

Como assim! Não falla!...

A. DA CERVEIRA

Não falla, mas... Vossa Excellencia, será necessariamente ministro. Formar gabinete... não digo. Porém ministro ha de o ser, ou eu nunca mais me chamarei Alberto da Cerveira!...

MAURICIO

Deus o ouça!... Como lh'o agradeço! (abraça-o.)

A. DA CERVEIRA

Vossa Excellencia leu o meu artigo d'hoje?

MAURICIO

Não, meu amigo. Não tenho estado com cabeça para nada. Passei uma noite quasi em claro! As letras bailham-me diante dos olhos e não percebo nada! Estou bem servido! Na conferencia preliminar, para a organização do ministerio, não sei o que poderei dizer. Sinto as ideias.. baralhadas... Parece-me que não tenho ideias nenhuma!...

A. DA CERVEIRA

(Com ligeireza) Sim... isso, não admira. (mudando de tom) Pois, n'esse artigo indico-o, cathegoricamente, como um membro indispensavel no novo gabinete. Affirmo que o seu nome, senhor Conselheiro, é imperiosamente reclamado, pela opinião publica. Isto fará effeito.

MAURICIO, abraça-o de novo

Grande effeito! Obrigado. Creia que será bem pago... Nunca me esquecerei, dos que me ajudaram a subir.

A. DA CERVEIRA

Porém o tempo urge. O meu artigo só não dará o resultado. É preciso mais alguma coisa...

MAURICIO

Diga lá, homem. Diga o que é preciso, que se faz tudo!... O que eu quero é ser ministro!... Faço tudo!...

A. DA CERVEIRA

Parece-me de boa tactica, lançar-se immediatamente um supplemento, com as ultimas noticias. As ultimas noticias são... trez ou quatro ministerios possiveis, e o nome de Vossa Excellencia em todos.

MAURICIO

Famosa ideia! O senhor é um genio! Lembrança de grande politico. Já supplemento na rua!...

A. DA CERVEIRA

Mas ha difficuldades...

MAURICIO

Não lh'as vejo... Supplemento na rua!...

A. DA CERVEIRA

Isto de typographos é uma canalha... Essa grande novidade já podia andar a ser apregoada pelos garotos... mas os typographos... Canalha!...

MAURICIO

Então que é?!...

A. DA CERVEIRA

Querem fazer uma especie de greve... Patifes!...

MAURICIO

Não percebo!...

A. DA CERVEIRA

Percebo eu... Devem-se-lhe para lá duas semanas de salarios... As contas do papel estão atrasadas... O homem que nol-o fornece, tambem se põem com chicanas n'esta occasião!... Uns pulhas!... Diz que não dá mais papel... quer que lhe paguem o atrazado... Uma sucia!

MAURICIO

Mas tenho mandado dinheiro...

A. DA CERVEIRA, com vivacidade

Não se ponha Vossa Excellencia com somiti-carias n'este momento! Não é proprio d'um politico da sua grandeza! Que diabo são para ahi cem libras, para todas as despezas agora urgentes, se ellas lhe pódem dar uma pasta?!

MAURICIO

Sim, homem... mas...

A. DA CERVEIRA, pega no chapéu para sahir

Bem... não quer, não sahirá supplemento. N'isto ando por desinteresse... bem sabe.

MAURICIO

Bem sei, homem!... Venha cá... Quero supplemento...

A. DA CERVEIRA

N'estas circumstancias criticas, é necessario não se pôr com ninharias!...

MAURICIO

Não me ponho... não ponho... Venha cá. Mas cem libras!... São cem libras?!

A. DA CERVEIRA

Sim, essa insignificancia por uma pasta de ministro!... Não vale a pena?! Não se me demoram na mão duas horas, creia Vossa Excelencia. Os typographos... o fornecedor de papel... agentes para proclamar o nome que eu quero fazer vingar na opinião... Não sobra um pataco... creia...

MAURICIO

Bem... homem. Está bem!... Não seja essa a duvida. (escreve) João Taveira deve estar no escriptorio. Apresente-lhe esta ordem minha, e receberá a quantia. Mas então um supplemento bem feito... O meu nome em todos os ministerios possiveis... O amigo tem ideias de mil demonios!... Grande estratagema!... Se não dá resultado, já não acredito em nada n'este mundo...

A. DA CERVEIRA,
acceitando o papel e preparando-se para sahir.

Ah! póde ficar seguro!... Antes d'uma hora, o

nome do Conselheiro Mauricio Pontino, estará lançado aos quatro ventos de Lisboa, andará de bocca em bocca. Sua Magestade, depois de o ver tão vivamente reclamado pela opinião, será o primeiro, de certo, a lembral-o, para a formação do novo gabinete.

MAURICIO, esfregando as mãos

Deus o ouça homem, Deus o ouça... Corra... vá depressa... esse suplemento na rua!...

A. DA CERVEIRA, voltando para traz

Quer que combinemos os ministerios?!

MAURICIO

Não. O senhor só, faz isso melhor. Com tanto que eu entre em todas as combinações...

A. DA CERVEIRA

Muito bem... (sahe) Até logo.

MAURICIO, só

Veremos se d'esta vez a coisa sae certa!... Ha de sair... Este rapaz tem talento. Irá longe... Oh! se vae!... (senta-se reflexivo.)

SCENA III

MAURICIO E P. THEODOSIO, que entra
fundo-esquerda

MAURICIO

Que novidades, meu amigo?!

P. THEODOSIO

Os melhores boatos. A opinião publica vae-se formando...

MAURICIO

Então falla-se no meu nome? (áparte) Effeito do artigo de Alberto da Cerveira!...

P. THEODOSIO

Até nas provincias, senhor Conselheiro.

MAURICIO

Até nas provincias! (áparte) Então não são effeitos do artigo, que ainda hoje sahiu! (alto) Nas provincias falla-se?...

P. THEODOSIO

Em todo o reino, o nome do senhor Conselheiro Mauricio Pontino é pronunciado. Um amigo meu, que chegou esta manhã de Santarem, é o

portador da bôa nova! Está ali fóra esperando a honra de ser apresentado a Vossa Excellencia. É um pobre empregado, demettido por esses... infames que acabam de deixar o poder.

MAURICIO

Já sei. Vem acolher-se á minha protecção! Tel-a-ha. Mas vamos ouvil-o. Quero ouvir directamente o que dizem de mim em Santarem. N'um regimen constituyional, como aquelle que felizmente nos rege, a opinião tem muita força...
(sahém fundo-esquerda.)

SCENA IV

GUILHERME E SEBASTIÃO, que entram

fundo-direita

SEBASTIÃO

Figaro, com o seu diabolico espirito de intriga, não inventaria melhor.

GUILHERME

Por enquanto, não se conseguiu mais do que metter a confusão no espirito de Mauricio. Já te acceita entusiastamente; porque és (serrindo) o íntimo de Thiers e o teu nome conhecido de Disraeli. Porém, como viste, não abandonou a ideia do casamento de Clara com o Visconde...

SEBASTIÃO

Nem abandonará...

GUILHERME

Abandona... tu verás. Continuaremos a aproveitar-lhe as fraquezas, para o dirigirmos como quizermos. É a tactica secular dos confissionarios, onde se mette em jogo o terror que póde produzir um inferno imaginario, para se conseguir um ceu (com ironia)... a que todos aspiramos.

SEBASTIÃO

Mas que novo meio empregará?!...

GUILHERME

Meu irmão é um homem honrado e brioso em negocios de familia. O projectado casamento com o Visconde da Cárregueira, é um desvairamento de fino politico. Ora eu lembrei-me d'um meio para pôr em conflicto o politico com o chefe de familia; pois acredito que, n'uma questão séria, este predominará sobre aquelle.

SEBASTIÃO

Mas qual esse meio... se não é um grande segredo?

GUILHERME

Muito simples... N'este mesmo gabinete representar-se-ha hoje a grande scena, em que Elmira, mulher de Orgon, consente e até provoca habilmente Tartufo, a expôr-lhe em palavras calorosas a intensa... paixão que o devora. Como sabes, o marido zeloso, offendido na sua honra, comprehende n'um momento o que as exhortações de toda a familia lhe não tinham demonstrado, durante os trez primeiros actos... É um golpe de genio, que dará sempre optimos resultados, diante dos maridos que não forem canalhas.

SEBASTIÃO

Mas como combinará os effeitos, para obter os resultados que espera?

GUILHERME

Eu te digo. Comprehendeste já a distribuição dos papeis: Visconde da Carregueira—Tartufo; D. Mathilde—Elmira; Mauricio—Orgon, o desenganado Orgon! Não o esconderei debaixo da mesa, para observar a lubricidade do Juiz do Supremo, para com sua mulher; pois não ha aqui nenhuma propria e porque não acho bastante moderno. Tenho minha presumpção de originalidade, não quero copiar absolutamente Molière, e por isso meu irmão ficará detraz d'a-

quelle reposteiro (aponta fundo-esquerda). Se ouvires que me querem offerecer a commenda de S. Thiago, affiança que não acceito, por tão pouco.

SEBASTIÃO

Eu ignorava completamente taes amores!...

GUILHERME

Quaes amores?!... Não percebeste. Esses amores não existem. Fingem-se com o fim de aniquilar o Visconde diante de Mauricio.

SEBASTIÃO

N'esse caso, o exito da combinação é muito duvidoso... O Visconde não é capaz...

GUILHERME

Conhecel-o mal... O Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça é um homem... fragil. Basta demorar-se, cinco minutos que seja, n'uma salla, sósinho com uma senhora, que tenha os bons quarenta annos da minha cunhada, para logo pensar em lhe accender no coração a *verdadeira chamma!* Considera-se rapaz... seductor e está convencido que não ha mulher que lhe resista. Todas o amam... todas o querem e vive n'esta constante preocupação... Comprehendes que, por este motivo, tenha tido alguns desgostos. Ainda não ha muitos dias, que foi expulso d'uma casa

de Lisboa, a murro de criado, só por ter, com uma senhora respeitavel, audacias que muita gente não presumirá.

SEBASTIÃO

Pois sim; mas com a mãe de sua noiva, não se atreverá!...

GUILHERME

U.

Engano. Quando hontem á noite planeava este golpe decisivo e expunha a D. Mathilde, para a convencer, o caracter e as aventuras amorosas do proposto marido de sua filha, ella confessou-me que, já mais de uma vez, o tinha encontrado, em principio de declarações d'amor, que evitára surprehendida! Sendo-se homem galante e Juiz do Supremo Tribunal, todas as considerações desaparecem no momento, em que se levantam os desejos imperiosos! Os medicos dão um nome a esta molestia.

SEBASTIÃO

O que?! É molestia o ser galanteador e Conselheiro do Supremo Tribunal?! Ha!... Ha!... Ha!...

GUILHERME

É molestia... Tem um nome...

SEBASTIÃO

Então deve ser conselheirite amorosa... Ha...
Ha... Ha...

GUILHERME

Pois fique-se chamando conselheirite amorosa
do Supremo Tribunal de Justiça, á molestia do
Visconde da Carregueira.

SEBASTIÃO

Mas... deixe-me dizer-lhe: não sei se D. Ma-
thilde se sujeitará, mesmo fingindo, a acceitar a
côrte ao noivo de sua filha!

GUILHERME

Compreende-se que é um grande sacrificio;
mas deseja ardentemente a felicidade de Clara
e odeia o lesmento Visconde. Lesmento é como
ellas lhe chamam e é bom... (ouve-se dentro a voz de
Mauricio.)

MAURICIO

Bravo, bravo! Ás mil maravilhas... (entra)

SCENA V

OS MESMOS E MAURICIO, que entra e passeia
agitadamente na salla

MAURICIO

As melhores informações de todo o reino!...

Correligionarios aos milheiros... (vendo Sebastião) O senhor vê bem as coisas... As suas e as minhas prophcias realisaram-se.

SEBASTIÃO

Muita bondade de Vossa Excellencia... Era facil de prever este resultado!...

MAURICIO

Não tão facil como diz. Era preciso ter vivido com um... (ligeira ironia) *Thiers*, aventar opiniões que pódem ir ao conhecimento do grande *Disraeli*... Sei tudo, escusa de negar, que sei tudo... Não me podia passar desapercibido... Conheço bem as coisas...

GUILHERME

Mas diz-me cá Mauricio já se sabe alguma coisa do novo ministerio?!...

MAURICIO, com importancia

Anda-se em combinações. Espero d'um momento para outro que me venham chamar... (parando em frente de Guilherme) Porque fui eu... eu!... eu!... que os deitei a terra! Creio que agora não duvidarás.

GUILHERME, tomando-lhe o braço

Nunca duvidei, homem... Ás vezes era só fallar... por fallar... Bem sabes...

MAURICIO

... Bem sei que gostas de te divertir...

GUILHERME, como em segredo, a Mauricio

Tenho uma comunicação importante a fazer-te... Vamos á salla...

MAURICIO, tambem cautellosamente

É politica?!

GUILHERME

É, sim, homem... da grande politica!

MAURICIO

Hoje não consinto que me fallem, senão em politica.

GUILHERME, para Sebastião

Espera-nos um momento que voltamos já...
(a Sebastião) Vou-lhe preparar o golpe...

SCENA VI

SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO, só

SEBASTIÃO, depois de Guilherme e Mauricio terem sahido,
conserva-se alguns momentos olhando para a porta

Sim senhor!... É engenhoso o plano!... Mas

sortirá elle effeito!... É a duvida... a grande duvida!... (Pausa) Se tal ideia se realisa, de bem pouco depende... este amor... o primeiro... o unico amor de que sou capaz! (Pausa) Tão ingenua, tão formosa como ella... nunca vi outra mulher, nem mesmo nos opulentos dias religiosos de Paris, quando nos templos aristocraticos, se encontram as jovens condessas de raça!... Olhos de amante dirão... Pois sim; mas os olhos do amante são os unicos que sabem ver a mulher que se adora!...

(Ouve-se fallar dentro Mauricio. Sebastião senta-se, com as costas para o fundo, lendo um jornal)

SCENA VII

MAURICIO, GUILHERME, SEBASTIÃO
e depois CORREIA

MAURICIO, quasi no limiar da porta

Mas é uma infamia, o que me contas! (entram, ficando ao fundo) Eu quebro-lhe as costellas...

SEBASTIÃO, áparte

Mau... Vem feroz.

GUILHERME, a Mauricio

Prudencia homem!... Tua mulher pediu-me

para te fazer esta comunicação, visto que tu tens o habito de a não escutar...

MAURICIO

Quem o havia de dizer!... Um homem tão sério!... É de se lhe enterrar um punhal no coração...

SEBASTIÃO, áparte

É tragico!...

GUILHERME

Não te percas Mauricio!... Tem serenidade para veres tudo com os proprios olhos.

MAURICIO

Sim, eu quero ver tudo... Quasi te não acredito, sem ver...

CORREIA, apparece fundo-esquerda

O senhor Visconde da Carregueira, que está na sala...

GUILHERME, a Correia

Que faça favor de entrar!

(Correia sahe.)

SEBASTIÃO, levantando-se

Ah! já disseram os seus segredos? (a Mauricio)

Eu só vinha saber se, suas Excellencias, tinham passado bem a noite (estende a mão como quem se retira)

MAURICIO, a Sebastião

Peço-lhe que se demore mais uns instantes.

GUILHERME, só, a Mauricio

Trata o Visconde, como de costume... Mostra que és um homem politico...

SCENA VIII

OS MESMOS E VISCONDE

VISCONDE, correndo para Mauricio a quem toma as duas mãos

Então salva, verdadeiramente salva?!... Como eu sou feliz!

MAURICIO, com ligeira ironia

É verdade!... como somos felizes...

GUILHERME, apresentando Sebastião ao Visconde

O acaso dirigiu providencialmente os passos do meu amigo, Sebastião de Figueiredo, notavel engenheiro ha pouco chegado da escola de Paris. Foi elle quem salvou Clara, d'uma irremediavel... desgraça!...

VISCONDE, a Sebastião

O nome de Vossa Excellencia será, em toda a minha vida, objecto d'um culto! Deve ser consolador evitar tamanha desventura! Creia que lhe desejo ser prestavel!...

SEBASTIÃO

O grande premio do que fiz, está em o ter feito. Agradeço-lhe, no entanto, as suas boas palavras, senhor Visconde...

SCENA IX

OS MESMOS E D. MATHILDE, que entra
esquerda-baixa

MAURICIO, ao encontro de D. Mathilde

É algum correio de ministro, que me procura?!

D. MATHILDE

Não te procurou ninguem...

MAURICIO, indo a uma janella

Andará o homem por ahi perdido, sem saber onde eu móro!...

SEBASTIÃO, ao encontro de D. Mathilde

Minha senhora... Sua excellentissima filha como está?!...

VISCONDE, á mesma

A senhora D. Clara, passou bem esta noite?

D. MATHILDE, correspondendo aos cumprimentos

Socegada. Relativamente... socegada.

GUILHERME, depois de cumprimentar D. Mathilde

Não admira. A commoção foi grande!...

VISCONDE

Uma crise natural... Se um esposo dedicado e affectuoso lhe póde garantir a felicidade, eu me responsabiliso...

MAURICIO, com ligeira ironia

Ah! todos nós estamos certos...

VISCONDE, designando Mauricio

O conselheiro conhece-me bem e sabe que...

GUILHERME

... É muito affectuoso. De certo...

VISCONDE, a Mauricio

E do novo ministerio?!

MAURICIO, com interesse

Sabe alguma coisa?

VISCONDE

Por em quanto... nada...

GUILHERME

Nada... já vês. (toma o braço de Mauricio) É muito cedo. (ao Visconde) Vossa Excellencia permite-nos, que vamos á salla conversar, sobre assumptos de caminhos de ferro, com o nosso amigo Sebastião de Figueiredo?...

VISCONDE

Fico (designa D. Mathilde) excellentemente acompanhado...

MAURICIO, que vae levado por Guilherme

Oh! bem sabemos... (a D. Mathilde) Se vier algum correio de ministro avisa-me logo.

D. MATHILDE, com intenção

Serás avisado a tempo.

(Sahem Mauricio, Guilherme e Sebastião, fundo-esqerda)

SCENA X

D. MATHILDE E VISCONDE

(O visconde senta-se n'um *fauteuil* com as costas para o fundo, ao pé de D. Mathilde que está no *sophá*. Mauricio e Guilherme observam-os, escondidos pelo reposteiro.

D. MATHILDE

Que bonito tempo tem estado!...

VISCONDE

Formosissimo sol de primavera!... Sinto-me poeta, diante d'este esplendor de natureza!...

D. MATHILDE

No campo é que deve ser agradavel viver n'este tempo!... Gosto immenso do campo.

VISCONDE

Nem podia deixar de ser!... Uma alma romantica, como a de Vossa Excellencia, ha de sentir-se feliz na solidão rumurosa das arvores... Oh!... e quando juncto de nós; podemos ter o ente querido da nossa alma... a felicidade é verdadeira!... O amor!... O amor!...

MAURICIO, mostrando a cabeça por detraz do reposteiro

Como está poeta!...

D. MATHILDE

O amor verdadeiro, d'uma esposa para seu marido... entende-se.

VISCONDE

Todo o amor!... Não sei distinguir... nunca soube... não comprehendo mesmo, como se possa fazer qualquer distincção...

D. MATHILDE

Mas é que, infelizmente, ha paixões... criminosas... até muito criminosas...

VISCONDE

Não posso ouvir isso a uma senhora, em quem me é permittido reconhecer a fina comprehensão d'este grande sentimento—o amor! Pois que! Deveremos nós, voluntariamente, apagar a divina chamma, que se nos accende no peito! Poderemos (circumvaga a vista e em voz mais surda) ser insensiveis á presença de certos entes, que nos acordam... sentimentos e paixões... magneticas!...

D. MATHILDE

Creio que não serei uma d'essas pessoas... Uma mulher velha!...

VISCONDE, á parte

Não lhe sou indiferente! (alto) Quem 'sabe?!... Uma mulher velha!... Suprema ironia!... Se me fosse permittido uma liberdade...

MAURICIO, mostrando de novo a cabeça por detraz do reposteiro, em voz surda

Não permittas...

D. MATHILDE

Uma liberdade?...

VISCONDE

Se soubesse que me acreditava dir-lhe-hia (cauteloso) que se não encontrarão facilmente outros olhos, que tanto exprimam... que tanto enebriem a alma!...

MAURICIO

Deixa-me ir...

GUILHERME

Não...

D. MATHILDE

Ha por ahi meninas novas e formosas, que melhor... muito melhor merecem essas declarações, senhor Visconde...

VISCONDE, á parte

É minha!... (alto) Esperava essa resposta... Se os protestos sagrados d'um coração que a... admira!... Se eu lhe jurasse ..

D. MATHILDE

Não jure...

VISCONDE, com vivacidade

Ah! juro, que é uma das formosuras mais enebriantes que tenho encontrado na vida! Acredite-me, minha senhora, um coração palpitante de amor nunca poderá mentir...

D. MATHILDE, circumvagando a vista

Pelo amor de Deus... Peço-lhe por tudo que se calle!... Isso não pode ser commigo!...

VISCONDE

Pois com quem havia de ser!... Quem haverá no mundo que o mereça melhor?!... Não tem comprehendido a chamma devoradora dos meus olhos?!... Nada receie... Amo-a, amo-a com a ardencia da juventude!...

MAURICIO

Vou lá...

GUILHERME

Ainda não...

D. MATHILDE, fingindo-se perturbada

Meu marido póde ouvir... Calle-se senhor, calle-se por tudo quanto ha!

VISCONDE, tomando a mão de D. Mathilde,
que ella lhe retira depois

Não ouvirá!... Diga antes que me não ama...
Attenda-me, que elle não ouvirá! E que ouça?
Não somos nós livres no amor?!... Não acabo
eu de conquistar o seu coração?!

D. MATHILDE

Mas... senhor... (faz menção de se levantar) eu não
posso escutal-o por mais tempo...

VISCONDE, obrigando-a a sentar-se e com transporte

Diga que me não ama senhora cruel e im-
passivel! Diga que nunca comprehendeu os olha-
res inflammados, que eu lhe lançava e com que
muitas vezes dardejei a sua belleza de Venus
de Milo!...

D. MATHILDE, vendo Mauricio que preso por Guilherme
lhe faz signaes

Sim... Não...

VISCONDE, cahindo de joelhos

Oh! Não o negue já que o declarou!... Deixe-me beijar esta mão de jaspe!

D. MATHILDE, levanta-se com dignidade, fingindo que não conhece a presença de Mauricio

Senhor!...

VISCONDE, erguendo as mãos, supplicante

Amo-a com a paixão dos vinte annos!

MAURICIO, entra rapidamente e apresenta-se diante do Visconde

Então é assim que se consideram as mulheres dos amigos?!

VISCONDE, levanta-se olhando alternadamente para Mauricio e para D. Mathilde que se finge perturbada

Que é isto?!

MAURICIO

É que lhe esmurro as ventas... seu canalha!...

VISCONDE, recuando e formalizando-se

Quem! o senhor?! Com que direito?! Acaso, esta senhora, lhe pertence?

MAURICIO

Ai que me pérco! Que diz você?!

VISCONDE, designando D. Mathilde

Que é minha; porque a conquistei pelo amor!

MAURICIO, a Guilherme e Sebastião

Tirem-me este homem d'aqui, que se não pé-
co-me!

VISCONDE, toma o chapéu e a bengalla, dirige-se para
a porta, d'onde diz solemnemente

D. Mathilde! Juro-lhe eterno amor. Conserve
os seus sentimentos e tenha fé e esperança!

SEBASTIÃO E GUILHERME

Ha! Ha! Ha!

D. MATHILDE

Ha! Ha! Ha!... Não posso mais. (cahe n'um *fauteuil*.)

VISCONDE, do fundo-esquerda

Uma cilada!... Eu me vingarei de todos!...
(sahe.)

SCENA XI

D. MATHILDE, MAURICIO, GUILHERME,
SEBASTIÃO e depois CLARA

MAURICIO, passeia agitado

Não sei como o não esmigalhei!

GUILHERME

Ha!... Ha!... Ha!... São os teus amigos. Ha!...
Ha!... Ha!...

D. MATHILDE

Os teus correligionarios... Ha!... Ha!... Ha!...
E é atrevido?!...

CLARA, entrando

Que foi mamã?!

GUILHERME, a Clara

O teu noivo, que fez uma declaração d'amor
a tua mãe. Ha!... Ha!... Ha!...

CLARA

Oh!... (vae para D. Mathilde.)

MAURICIO, a D. Mathilde

E a senhora parecia que estava gostando.

GUILHERME, apontando Mauricio a Sebastião

O ciume!...

D. MATHILDE

Entrasses, quando quizesse. Estavas a ver...

MAURICIO, passeia agitado

Parecia que o tal maroto, lhe não era indiffe-
rente!...

CLARA

Papá!...

MAURICIO

Calle-se... Agora se quizer marido... arrange-o.

GUILHERME, a Mauricio

Consentes tu que eu me encarregue d'isso?

MAURICIO

Encarregue-se quem quizer. Casamentos... não é a minha vocação...

GUILHERME

É porque eu tenho um amigo, a quem o coração de Clara não é indifferente... Surprehendi hontem esse segredo...

MAURICIO, parando

Quem é?!

GUILHERME

Está n'esta salla.

MAURICIO

O senhor Sebastião de Figueiredo?!...

GUILHERME

Não te debes admirar. Depois de a ter salvado do *negro abysmo!*... Ha muitos factos as-

sim. Ella talvez seja por reconhecimento; elle póde ser pelo orgulho d'um artista, que dá vida a uma criação da sua intelligencia. Ou por este, ou por outro motivo, posso-te asseverar que se amam e que Sebastião é um rapaz digno de Clara!...

MAURICIO

Amam-se? Pois casem. (a Sebastião) O senhor foi um homem que me comprehendeu. Nem admira, a convivencia com um *Thiers* havia de dar alguma coisa... Entrará na politica, onde o seu talento tem um largo campo para se exercitar... Se eu, um dia, formar ministerio será ministro commigo.

GUILHERME

E será um grande ministro, podes crer...

MAURICIO

Não has de ser tu que me ensinarás a conhecer os homens. Antes de me fazeres as revelações que me fizestes, já eu tinha percebido tudo.

SCENA XII

OS MESMOS E A. DA CERVEIRA

A. DA CERVEIRA, entra precipitadamente pelo fundo-direita

Parabens, muitos parabens, senhor conselheiro!

MAURICIO, exclamando

Até que emfim! Estou ministro, não é verdade?!

A. DA CERVEIRA

Se vossa Excellencia não está... é o mesmo que estivesse. O nosso partido triumphou.

MAURICIO, espantado

Como é que o nosso partido triumphou e eu não sou ministro?!

A. DA CERVEIRA

Porque o é o nosso correligionario e grande amigo, Visconde da Carregueira, que agora mesmo foi chamado ao Paço!

MAURICIO

Quem?! Pois elle é que é o ministro e eu não?! Ah! Ingrata patria que renegas os teus melhores filhos!

Cahe o panno

FIM DO 4.º E ULTIMO ACTO

DAVID CORAZZI—EDITOR

AVENTURAS DE TERRA E MAR

PELO CAPITÃO MAYNE-REID

O deserto d'agua, 2 vol. com 24 grav. brochado.....	1\$000
Os naufragos de Bornéo, 2 vol. com 23 grav. brochado.	1\$000
Os plantadores do Jamaica, 2 vol. com 23 grav. brochado.	1\$000
Os jovens escravos, 2 vol. com 23 grav. brochado.....	1\$000
A irmã perdida, 2 vol. com 23 grav. brochado.....	1\$000
Guilherme o grumete, 2 vol. com 23 grav. brochado...	1\$000

BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS.

PROPAGANDA DE INSTRUCCÃO

PARA PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

Esta publicação, notavel pela sua fabulosa barateza, tem a dupla vantagem de propagar a instrucção e incitar ao estudo as classes populares.

Ninguém deixará, por tão diminuto preço, **50 réis** de quinze em quinze dias por cada volume, de alcançar gradualmente a instrucção, a sciencia, a explicação de tantas maravilhas da natureza e do genio artistico, a sabedoria em fim. O operario, o estudante, o chefe de familia ou o professor, não hesitarão em formar a sua **bibliotheca economica** com estes livrinhos que lhe explicam tudo quanto poderiam aprender em outros de preços elavadiissimos relativamente aos haveres da maior parte das pessoas.

Temos fé que todos se apressarão a colleccionar esta bibliotheca e que os directores dos lyceos e estabelecimentos de educação, tanto publicos como particulares, a recommendarão e adoptarão como elemento indispensavel n'um bem entendido systema de ensino.

VOLUMES PUBLICADOS:

Primeira serie

1.º *Historia de Portugal.*—2.º *Geographia geral.*—3.º *Mithologia.*
—4.º *Introduccão ás sciencias physico-naturaes.*—5.º *Arithmetica practica.*—6.º *Zoologia.*—7.º *Chrographia de Portugal.*—8.º *Physica elementar.*

Segunda serie

9.º *Botanica.*—10.º *Astronomia popular.*

EMPREZA HORAS ROMANTICAS

Os cavalleiros da noite, 3 vol Ponson de Terrail, 2. ^a edição illustrada.....	1\$500
Os herdeiros falsos, edição esgotada	
O rei maldito, Fernandez y Gonzalez, 5 vol. com 2 grav.	3\$400
Os sete morcegos, Fernandez y Gonzalez 1 vol. com 2 grav.....	\$600
Odio de Bourbons, Tarrago y Mateos, 3 vol. com 34 grav. edição esgotada.	
Amores de Luiz XV, Ponson du Terrail, 2 vol.....	\$800
As guerrilhas de Juarez, Gustave Aimard, 1 vol. formato grande.....	\$400
O diabo na côrte, Ortega y Frias, 3 vol. com 27 grav.	2\$100
Os mascaras vermelhas, Ponson du Terrail, 3 vol. com 11 grav. edição esgotada.	
Da parte d'el-rei, Cunha e Sá, 1 vol.....	\$400
Os ciumes de uma rainha, Tarrago y Mateos, 4 vol. com 26 grav.....	2\$400
Da parte da rainha, Cunha e Sá, 1 vol.....	\$400
A gravura de madeira em Portugal, João Pedroso, album de 26 primoras grav.....	2\$500
Lisboa na Rua, Julio Cezar Machado, edição esgotada.	
A princeza dos Ursinos, Fernandez y Gonzalez, 4 vol. com 24 grav.....	2\$700
O dedo de Deus, Tarrago y Mateos, 3 vol. com 14 grav.	1\$800
Vida infernal, Emile Gaboriau, 3 vol. com 7 grav....	1\$500
Banhos de caldas e aguas mineraes de Portugal, Ramalho Ortigão, 1 vol. com 29 grav. e vinhetas..	1\$000
As praias de Portugal, Ramalho Ortigão, 1 vol. com 10 grav.....	1\$000
As tragedias de Paris, Xavier de Montepin, 5 vol. com 26 grav.....	3\$200
Quadros do novo mundo, Francisco de Almeida, 1 vol. de lendas e contos.....	\$500
Os filhos de Monfi, Fernandez y Gonzalez, 4 vol. com 25 grav.....	2\$500
As tragedias da côrte, Augusto Maquet, 5 vol. com 21 grav.....	2\$800
A galera Chancellor, Julio Verne, 1 vol. com o retrato do auctor.....	\$600
As tragedias de Lisboa, Leite Bastos, 4 vol. com 27 grav.....	2\$900
O ultimo cavalleiro, Cunha e Sá, 1 vol. com 2 grav..	\$600
A musa em ferias, Guerra Junqueira, 1 vol. de poesias.	\$600
Os noivos, Teixeira de Queiroz, 1 vol.....	1\$000
O amor da patria, F. Gomes d'Amorim, 1 vol.....	\$600
A hygiene das creanças, Branco Rodrigues, 1 vol....	\$200
O melro, Guerra Junqueiro, poesia.....	\$200

Evangelina, poema americano, traducção de M. Street d'Arriaga, 1 vol.....	\$600
Os homens da cruz vermelha, C. Pinto d'Almeida, 4 vol. com 27 grav.....	3\$000
Arabescos, notas e perfis, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.....	\$500
Methodo simultaneo de leitura e escripta, Branco Rodrigues, 1 folheto.....	\$300
Oscillações, Gonçalves de Freitas, 1 vol. de poesias...	\$400
Diccionario de Geographia Universal, Tito Augusto de Carvalho, 1.º e 2.º tomo.....	16\$500
A Camões, Alexandre da Conceição, poesia.....	\$200
Luiz de Camões marinheiro, Almeida d'Eça, 1 vol...	\$200
Galeria de varões illustres de Portugal, 1.º vol <i>Luiz de Camões</i> , Latino Coelho, 1 vol.....	1\$000
Panegyro de Luiz de Camões, J. M. Latino Coelho, 1 vol.....	\$200
Os Lusíadas, edição de 52 exemplares.....	53\$000
Camões e as mulheres portuguezas, D. Margarida Victor, 1 vol.....	\$200
Magdalena, poema de Gonçalves Freitas, 1 vol.....	\$300
A chimica na cosinha, traducção de D. Elisa de Noronha.....	\$500
Historia alegre de Portugal, Pinheiro Chagas, 1 vol.	\$300
A primeira confessada, Gervasio Lobato, 1 vol.....	\$600
As duas fiandeiras, F. Gomes de Amorim, 1 vol.....	\$600
Manual de gymnastica, Paulo Lauret, 1 vol. com mais de 100 grav.....	\$500
Lyra intima, Joaquim de Araujo, 1 vol. de poesias....	\$600
A herança tragica, da colleccão <i>Lubin & C.^a</i> , 2 vol. com 10 grav.....	1\$300
O segredo do sr. Lubin, 2 vol. com 8 grav.....	1\$300

JULIO VERNE

Da terra á lua, 1 vol. com 43 grav. (3.ª edição) brochado.....	\$900
Á roda da lua, 1 vol. com 44 grav. (2.ª edição) brochado.....	\$900
A volta do mundo em oitenta dias, 1 vol. com 58 grav. (2.ª edição) brochado.....	1\$000
Aventuras do capitão Hatteras: 1.ª parte, <i>Os inglezes no polo norte</i> , 1 vol. com 135 grav. (2.ª edição) brochado.....	1\$100
2.ª parte <i>O deserto de gelo</i> , 1 vol. com 135 grav. brochado.....	1\$100
Cinco semanas em balão, 1 vol. com 76 grav. brochado.....	1\$100
Aventuras de 3 russos e 3 inglezes, 1 vol. com 54 grav. brochado.....	\$900

Viagem ao centro da terra, 1 vol. com 53 grav. brochado.....	1\$000
Os filhos do capitão Grant: 1. ^a parte, <i>America do sul</i> , 1 vol. com 72 grav. brochado.....	1\$100
2. ^a parte, <i>Australia meridional</i> , 1 vol. com 45 grav. brochado.....	1\$100
3. ^a parte, <i>Oceano Pacifico</i> , 1 vol. com 48 grav. brochado.....	1\$100
Vinte mil leguas submarinas: 1. ^a parte, <i>O homem das aguas</i> , 1 vol. com 54 grav. brochado.....	1\$000
2. ^a parte, <i>O fundo do mar</i> , 1 vol. com 60 grav. brochado.....	1\$100
A ilha mysteriosa: 1. ^a parte, <i>Os naufrágos do ar</i> , 1 vol. com 52 grav. brochado.....	1\$100
2. ^a parte, <i>O abandonado</i> , 1 vol. com 53 grav. brochado.....	1\$100
3. ^a parte, <i>O segredo da ilha</i> , 1 vol. com 50 grav. brochado.....	1\$100
Miguel Strogoff: 1. ^a parte, <i>O correio do czar</i> , 1 vol. com 46 grav. brochado.....	1\$000
2. ^a parte, <i>A invasão</i> , 1 vol. com 46 grav. brochado....	1\$000
O paiz das pelles: 1. ^a parte, <i>O eclipse de 1680</i> , 1 vol. com 52 grav. brochado.....	1\$000
2. ^a parte, <i>A ilha errante</i> , 1 vol. com 53 grav. brochado.....	1\$000
A cidade fluctuante, 1 vol. com 42 grav. brochado....	1\$000
As indias negras, 1 vol. com 42 grav. brochado.....	1\$000
Heitor Servadae: 1. ^a parte, <i>O cataclysmo cosmico</i> , 1 vol. com 50 grav. brochado.....	1\$100
2. ^a parte, <i>Os habitantes do cometa</i> , 1 vol. com 50 grav. brochado.....	1\$100
O doutor Ox, 1 vol. com 59 grav. brochado.....	1\$100
Um heroe de quinze annos: 1. ^a parte, <i>A viagem fatal</i> , 1 vol. com 46 grav.....	\$900
2. ^a parte, <i>Na Africa</i> , 1 vol. com 45 grav. brochado...	1\$000
A galera Chancellor, 1 vol. com 50 grav. brochado...	1\$100
As grandes viagens e os grandes viajantes, 1. ^a parte: <i>A descoberta da terra</i> , 1. ^o vol. com 56 grav. brochado.....	1\$100
1. ^a parte: <i>A descoberta da terra</i> , 2. ^o vol. com 59 grav. brochado.....	1\$100
2. ^a parte: <i>Os navegadores do seculo XVIII</i> , 1. ^o vol. brochado.....	1\$100
2. ^a parte: <i>Os navegadores do seculo XVIII</i> , 2. ^o vol. com 57 grav. brochado.....	1\$100
Os quinhentos milhões da Begun, 1 vol. com 45 grav.	1\$000
Atribulações d um chinez na China, 1 vol. com 45 grav.....	1\$000
A casa a vapor, 1. ^a parte, <i>A chamma errante</i> , 1 vol. com 51 grav.....	1\$000
2. ^a parte, <i>A resuscitada</i> , 1 vol. com 44 grav.....	1\$000

